

**Sandra Lucia Goulart**

**O TEMA DAS DROGAS E O GRUPO FOLHA: A  
FOLHA DE SÃO PAULO E O AGORA SÃO PAULO**

**São Paulo, dezembro de 2011.**

**INTRODUÇÃO ..... 3**

<b>METODOLOGIA, RECORTE TEMPORAL E CONSIDERAÇÕES SOBRE A AMOSTRA.....</b>	<b>10</b>
<b>CAP. 01: A ABORDAGEM DA FOLHA DE SÃO PAULO .....</b>	<b>12</b>
O Material da Folha de São Paulo de Agosto a Setembro de 2010 .....	12
O Material da Folha de São Paulo de Agosto a Outubro de 2010 .....	27
<b>CAP. 02: O JORNAL AGORA SÃO PAULO .....</b>	<b>45</b>
O Material do Agora São Paulo de Agosto a Setembro de 2010 .....	45
O Material do Agora São Paulo de Agosto a Outubro de 2010 .....	55
<b>CAP. 03: AS ABORDAGENS DA FOLHA DE SÃO PAULO E DO AGORA SÃO PAULO: ALGUMAS ANALOGIAS .....</b>	<b>66</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>

## Introdução

Sandra Lucia Goulart

Apresento aqui uma parte dos resultados de uma pesquisa que desenvolvi junto ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Líbero, no período de agosto de 2010 a dezembro de 2011<sup>1</sup>. Neste estudo destaquei a análise do tratamento dado por certos veículos de comunicação brasileiros ao tema das drogas. A seleção dos dados incluiu tanto material impresso quanto on-line. O objetivo geral foi apontar para a relevância política deste tema na atualidade, e refletir sobre os posicionamentos da mídia brasileira na construção de um debate público sobre as drogas. Restringi a coleta de dados ao material dos jornais Folha de São Paulo e Agora São Paulo.

Optei pelos jornais Folha de São Paulo e Agora São Paulo, em primeiro lugar, para observar eventuais diferenças nas estratégias de construção de informações sobre drogas em veículos que se distinguem de acordo com o segmento social ao qual se destinam. A intenção foi verificar se o tratamento fornecido ao tema das drogas se alterava conforme o perfil mais ou menos popular do veículo. Em segundo lugar, o meu objetivo foi observar como essas distinções se davam no interior de um mesmo grupo jornalístico, representado por seus veículos diferentes. Por isso, selecionei o grupo Folha e seus jornais Folha de São Paulo e Agora São Paulo para o meu levantamento de dados. Ambos os jornais são editados em São Paulo pela empresa Folha da Manhã, pertencente ao grupo Folha.<sup>2</sup>

Nesse sentido a minha meta foi contribuir para a compreensão de como um dos grupos jornalísticos mais importantes do país, através de alguns de seus veículos, se coloca diante do debate público sobre as drogas. Antes do início desse estudo, a minha impressão era que o jornal Folha de São Paulo vinha destacando a discussão sobre as políticas para algumas drogas ilícitas.

---

Sandra Lucia Goulart é antropóloga, Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, Mestre em Antropologia Social pela USP, Professora Titular da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo, e pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).

<sup>1</sup> O primeiro formato desse texto foi um relatório de pesquisa apresentado ao Centro Interdisciplinar da Faculdade Cásper Líbero (CIP), em dezembro de 2011.

<sup>2</sup> O grupo Folha é uma das maiores e mais poderosas organizações de mídia do Brasil, abrangendo diferentes empresas desse setor, como jornais, editoras, controle para acesso a internet etc. A empresa jornalística Folha da Manhã faz parte desse conglomerado, e sempre foi responsável pela edição da Folha de São Paulo e do Agora São Paulo. A Folha de São Paulo, ao menos com esse nome, foi fundada em 1961. O mesmo jornal, contudo, já funcionava com outros nomes desde o início dos anos vinte do século XX. Nos anos trinta recebeu, inclusive, o nome de Folha da Manhã. O Agora São Paulo é uma publicação bem mais recente do grupo Folha, sendo fundado em 1999.

Acompanhando o debate sobre as drogas na mídia nacional, antes do início desse estudo, tinha a impressão que o jornal Folha de São Paulo desde alguns anos vinha destacando a discussão sobre as políticas para algumas drogas ilícitas. Observava, com certa regularidade, a presença de um conjunto de matérias bem embasadas sobre esse tema. No caso da discussão específica sobre a maconha, parecia haver ainda mais destaque, com a publicação de artigos densos que, frequentemente, colocavam diversos aspectos e posições, seja sobre o uso ou sobre o status legal dessa substância. A esse respeito, o que eu procurei verificar, na minha pesquisa, é se essa mesma abordagem, mais profunda e detalhada, se mantém num outro veículo do grupo Folha, com um formato mais popular. Daí a relevância de se comparar o material da Folha de São Paulo com o do Agora São Paulo. Até que ponto a presença de uma discussão mais aprofundada sobre o tema das drogas na Folha de São Paulo não reflete a demanda do próprio público ao qual o jornal se destina? Será que, num outro veículo, formatado para outro segmento social, o grupo Folha mantém, também, essa abordagem mais densa sobre as drogas (e, principalmente, sobre as drogas ilícitas?)

A coleta de material da Folha de São Paulo foi feita de modo on-line. No jornal Agora São Paulo, trabalhei com material impresso. Pesquisei o material que versa sobre questões relacionadas ao uso, produção, tráfico, legislação e política de drogas. Uma das minhas propostas, também, foi analisar se a existência de uma nova lei de drogas, no Brasil, sancionada desde o ano de 2006, tem conduzido a mudanças no modo como a nossa mídia trata a temática das drogas. Nesse sentido, procurei observar qual o destaque dado a esta lei, atentando para a forma como ela é divulgada e discutida nesses veículos.

A atual lei brasileira de drogas (n. 11. 343/06) acaba com a pena de prisão para o usuário e, nesse sentido, num primeiro momento, poderíamos supor que ela reforça os esforços para a descriminalização de drogas e por uma política sobre drogas mais democrática e contextualizada<sup>3</sup>. Entretanto,

---

<sup>3</sup> Esta lei foi criada em 23 de agosto de 2006, quando se instituiu também o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (Sisnad). Embora ela acabe com a pena de prisão para o usuário de drogas, ela mantém outras punições penais, e por isso os casos de uso de drogas ainda estão sob a alçada da justiça criminal. A pessoa flagrada usando drogas precisa assinar um Termo Circunstanciado, se comprometendo a comparecer no Juizado Especial Criminal para uma audiência judicial. O usuário de

uma reflexão um pouco mais atenta sobre o texto desta lei nos mostra que suas implicações são mais complexas, envolvendo várias ambiguidades. Assim, apesar de o texto da lei propriamente dito não descriminalizar, na prática isso ocorre ao se acabar com a pena de prisão para o uso (Boiteux, 2006). Por outro lado, ele endurece o tratamento dado ao tráfico, com o aumento da sua pena mínima, sem, contudo, estabelecer com precisão a distinção entre tráfico e uso. Portanto, embora, muitas vezes, esta nova lei seja apresentada, na mídia brasileira, como uma lei que descriminaliza o uso de drogas, uma análise mais cuidadosa de seu texto indica que suas interpretações podem conduzir a uma situação bem distinta (Policarpo, 2007). Ao aumentar a pena mínima para o tráfico e ao mesmo tempo não distinguir com precisão, em seus artigos, o tráfico do uso, a atual lei de drogas gera várias contradições. Na atual lei, a distinção entre tráfico e uso de drogas é contextual, isto é, depende da situação do flagrante<sup>4</sup>. Este, como se sabe, é feito normalmente pelos policiais (em geral os militares). Como diz Policarpo (2007), são os operadores policiais que negociam a tipificação do ato (uso ou tráfico). Esse poder decisório dos policiais na definição do crime seria aumentado pelo fato de que a inexistência de pena para o uso de drogas gera um desinteresse de outros agentes do sistema de justiça (juízes, por exemplo) sobre esse tipo de caso. Nesse sentido, afirma Policarpo (2007), a nova lei representaria um verdadeiro retrocesso para aqueles que esperavam que a questão se tornasse um assunto de saúde pública e não de mais de polícia.

Parti de dados levantados por outros estudos sobre a abordagem da mídia brasileira acerca de drogas. Estudos anteriores ressaltam que a cobertura dos meios de comunicação brasileiros sobre as drogas tende a repetir um mesmo conjunto de elementos. Há um descompasso entre a divulgação de notícias sobre drogas lícitas e ilícitas. Ana Regina Noto et al. (2003), por exemplo, em um levantamento feito em jornais e revistas brasileiros, durante o ano de 1998, constataram que o consumo do álcool e do tabaco era estimulado por meio de campanhas publicitárias, enquanto

---

drogas pode ser punido de diversos modos, como por multa, advertência verbal, prestação de serviço à comunidade, medida educativa de comparecimento a programa educativo.

<sup>4</sup> Assim, o artigo 28 da lei que trata dessa questão diz: “para determinar se a droga destinava-se a consumo pessoal, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente”.

substâncias como a maconha, a cocaína, e outras drogas ilícitas, eram, normalmente, associadas à violência, a danos e perigos sociais e individuais.

Muitos dos estudos vinculados a questões de saúde pública registram uma incoerência no que se refere às drogas mais mencionadas pela mídia nacional e aquelas que aparecem nas pesquisas epidemiológicas como as mais utilizadas pela população brasileira. Nesse sentido, Beatriz Carlini-Cotrim (1995) observa como, no final da década de setenta, a mídia brasileira insistiu na divulgação de notícias que indicariam uma suposta explosão do uso de drogas como a maconha, a cocaína, o ácido lisérgico e, principalmente, a heroína, entre estudantes brasileiros. Entretanto, segundo a autora, as pesquisas epidemiológicas, empreendidas ao longo dos anos oitenta, não comprovavam o aumento significativo do consumo de tais substâncias nessa camada da população brasileira. Ao mesmo tempo, Ana Regina Noto et al. (2003) por exemplo, no seu levantamento dos anos noventa, diz que alguns psicotrópicos, como os solventes e ansiolíticos, embora usados com constância pela população brasileira, quase não eram citados nas manchetes e no interior dos artigos e reportagens analisados. A menção a essas substâncias na imprensa perdia, inclusive, para drogas como a heroína e os alucinógenos, que apresentam, segundo levantamento do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), um uso bem restrito na população brasileira (Carlini, E. et al., 2001 e 2005). Assim, uma grande parte dos estudos anteriores a minha pesquisa ressalta que a abordagem fornecida pelos meios de comunicação brasileiros às drogas lícitas e ilícitas é bem distinta, e não apresenta uma correspondência com os dados científicos acerca da frequência de uso destas substâncias no Brasil.

Uma das maiores pesquisas sobre a veiculação de notícias acerca de drogas, na mídia escrita brasileira, foi a empreendida pela Agência de Notícias dos Direitos de Infância (ANDI), em parceria com o Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, no período de agosto de 2002 a julho de 2003 (ANDI e BRASIL, 2004), intitulada *Mídia e Drogas*. Essa pesquisa abrangeu 49 grandes jornais, três revistas de circulação nacional, além de 22 veículos da chamada Mídia Jovem. Segundo esse estudo, os jornais Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo e a Revista Época estavam, então, entre os veículos mais atuantes no que concerne à divulgação de conteúdos sobre o

tema das drogas<sup>5</sup>. O levantamento e análise destacou o tratamento dado pela mídia escrita ao uso e aos usuários, tocando apenas tangencialmente em temas como o tráfico ou a legislação e as políticas sobre drogas.

Um dos resultados dessa extensa pesquisa foi mostrar que drogas ilícitas, como a maconha, a cocaína (ou derivados como o crack), entre outras, tem seu uso destacado na mídia brasileira, sendo assimiladas a contextos de violência, com seus usuários descritos, frequentemente, como agressores. Por outro lado, drogas lícitas como o álcool, apesar de bastante citadas, recebem outra abordagem, mais desvinculada de situações de violência. Da mesma forma que outros estudos (Noto et al., 2003), o levantamento realizado pela ANDI e o Programa Nacional de DST/AIDS (ANDI e BRASIL, 2004), constatou também que, no período analisado, as menções a drogas como maconha e cocaína superavam aquelas sobre medicamentos e solventes, embora estes, no Brasil, sejam tão consumidos como as primeiras (Carlini, E. et al., 2001 e 2005)<sup>6</sup>.

Os dados desta pesquisa também mostraram que, em boa parte da mídia brasileira, prevalece um tom emocional e alarmista no que tange à abordagem das drogas ilícitas. Ao mesmo tempo, este levantamento, bem como outros estudos citados aqui, (CARLINI-COTRIM, B. et al. 1995; NOTO et al. 2003) destacam que, com relação às drogas lícitas, há uma tendência de predominar um enfoque mais acrítico. O estudo da ANDI e do Programa Nacional de DST/AIDS (2004), porém, constatou que, tanto no caso das drogas ilícitas quanto no das lícitas, havia um privilégio de histórias pessoais e da responsabilização dos indivíduos em detrimento do destaque de temas que poderiam levar a análises mais contextualizadas sobre as drogas. De um modo geral, esse estudo constatou que, no período analisado, a mídia brasileira tendia a manifestar uma abordagem sobre as drogas que destacava estereótipos sobre o uso dessas substâncias, reforçando elementos de um

---

<sup>5</sup> Segundo dados desta pesquisa sobre os veículos mais atuantes, o Estado de São Paulo aparece em 4º lugar, a Folha de São Paulo em 8º, num conjunto de 49 jornais; e na lista das Revistas, a Época em 1º lugar, num total de três veículos.

<sup>6</sup> De acordo com levantamentos de dados do CEBRID, os solventes tinham uma porcentagem de uso ao ano, na população brasileira, apenas um pouco abaixo da maconha (os solventes tinham 1,2%, e a maconha 2,6%). Seu consumo era, também, levemente superior ao de alguns medicamentos (como benzodiazepínicos e estimulantes). Já o uso por ano da cocaína empatava com o uso de certos medicamentos.

imaginário social que, ao condenar as drogas de status ilegal, estigmatiza, também, certos grupos sociais.

Um dos objetivos da minha pesquisa foi, justamente, verificar as diferenças na abordagem de veículos da mídia escrita brasileira sobre drogas lícitas e ilícitas. Por isso, incluí na amostragem tanto substâncias que possuem um status ilegal quanto aquelas já legalizadas. Num primeiro momento do levantamento de dados, incluí, entre as drogas lícitas, o álcool, o tabaco e, também, os medicamentos, e substâncias que possuem uma classificação mais ambígua, como os suplementos alimentares e anabolizantes. Seguindo os critérios de classificação de pesquisas anteriores a minha<sup>7</sup>, considerei estas últimas substâncias (suplementos e anabolizantes) como pertencentes, também, ao grupo dos medicamentos. Ao longo da pesquisa, contudo, senti uma necessidade de restringir a amostra para aprofundar a análise do material jornalístico coletado. Assim, passei a considerar as notícias sobre medicamentos, ou suplementos e anabolizantes, apenas quando essas substâncias eram associadas a estados alterados de consciência e a suas consequências. Entretanto, numa primeira fase da pesquisa, meu recorte foi mais amplo, abrangendo notícias sobre medicamentos com teor mais variado. Essa primeira fase de coleta de dados me possibilitou uma reflexão sobre o destaque fornecido pelos veículos pesquisados às discussões mais gerais sobre uso, comercialização e regulação de medicamentos.

É importante esclarecer a noção de droga com a qual estou trabalhando. Parto do pressuposto de que drogas são tanto substâncias usadas com objetivos terapêuticos como aquelas utilizadas para fins lúdicos, religiosos, estéticos ou de autoconhecimento. Apoiada em alguns autores (Escohotado, 1997 e 1998; Rodrigues, 2003 e 2004), entendo que a classificação destas substâncias em dois conjuntos distintos, um legal e outro ilegal, é um produto de um momento histórico particular e relativamente recente. Como mostram esses estudiosos, é justamente a distinção entre substâncias lícitas, vistas como portadoras de fins terapêuticos, e substâncias ilícitas, classificadas como

---

<sup>7</sup> No Brasil, os suplementos alimentares possuem uma legislação diferente daquela relativa aos medicamentos (isto é dos remédios). Apesar disso, muitas vezes, eles têm na sua formulação substâncias que também estão na composição dos remédios. Outros estudos sobre drogas lícitas e ilícitas incluíram, igualmente, os medicamentos nos seus levantamentos. Alguns deles (ANDI e BRASIL, 2004) optaram, do mesmo modo, pela utilização da categoria medicamento para se referir a esse tipo de substância.

sem finalidades médicas, que funda o regime que proíbe certas drogas e, simultaneamente, que permite e regulamenta outras. Esse regime começou a se desenhar no início do século XX, em grande medida impulsionado pelos esforços do governo dos Estados Unidos, que, principalmente, a partir dos anos trinta, começaram, também, a intensificar as pressões sobre outros países para a consolidação de tratados internacionais sobre drogas que se pautassem pela mesma lógica. O novo regime de proibição regulava o acesso a certas drogas, que agora passava a ser possível apenas a partir de receitas médicas. Ao mesmo tempo, todos os usos não médicos de drogas eram categorizados como crime.

A licitude de algumas substâncias versus a ilicitude de outras fez com que, gradualmente, para o senso comum, as primeiras se desvinculassem das segundas, não aparecendo mais como drogas, e sim como remédios. A construção dessa imagem encobre, inclusive, a percepção de um processo histórico maior, único, que se estende até os dias de hoje, e que implicou numa regulação ou proibição de ambos conjuntos de substâncias. Assim, as instituições criadas, nesse período, para regular o uso de drogas terapêuticas eram as mesmas que estariam envolvidas com a proibição de outras drogas.

As exceções a essa distinção entre drogas lícitas, porque vistas como tendo fins terapêuticos, e drogas ilícitas, classificadas como sem finalidade terapêutica, são o álcool e o tabaco. Não entro aqui na discussão detalhada dos motivos que conduziram a essas exceções. Por hora, ressalto, apenas, que esse exemplo aponta para a complexidade da questão das drogas na sociedade contemporânea, e para o fato de que diferentes aspectos foram responsáveis pela proibição de várias destas substâncias. Além da lógica médica, os interesses e pressões econômicas de setores específicos da indústria norte-americana da época foram, igualmente, fatores de relevo na constituição desse regime de proibição. Alguns autores também destacam que este sistema jurídico de proibição de certas drogas se legitimou através de uma gradual estigmatização de minorias sociais étnicas, as quais passavam a migrar para as grandes cidades dos Estados Unidos no início do século vinte (Escohotado, 1998; Rodrigues, 2003 e 2004). Grupos étnica e politicamente marginalizados eram identificados, pela mentalidade puritana americana da época, a substâncias exógenas perigosas. Os chineses eram associados ao

ópio, os irlandeses ao álcool, os mexicanos à maconha, os negros à cocaína. Vale lembrar que, no Brasil, a proibição de algumas drogas como a maconha, nos anos trinta do século passado, também se fundou, em parte, nesse tipo de lógica. Desse modo, a maconha foi anunciada, em jornais da época, como a “droga maldita” trazida pelos ex-escravos, como uma espécie de vingança destes em relação aos seus ex-senhores brancos (Henman e Pessoa, 1986).

Em síntese, portanto, na minha pesquisa, analisei como veículos de comunicação da mídia brasileira estão abordando o tema das drogas. Procurei identificar as eventuais diferenças de abordagem com relação a drogas lícitas e ilícitas. Com relação a esses aspectos, busquei empreender algumas analogias com dados levantados em estudos anteriores sobre a mídia brasileira e o tema das drogas. Já uma contribuição mais original da minha pesquisa foi estabelecer relações entre tipos de abordagens acerca das drogas, tipos de veículos de comunicação e determinados segmentos sociais. Trabalhando com veículos de comunicação que se destinam a setores diferentes da população, procurei verificar se o enfoque e o teor das mensagens veiculadas sofriam modificações.

## **Metodologia, Recorte Temporal e Considerações sobre a Amostra**

A pesquisa que empreendi deu ênfase a um levantamento quantitativo do material jornalístico selecionado. O método consistiu em registrar a frequência com que são citadas as diferentes drogas nos textos dos jornais escolhidos para a pesquisa, e também relacionar esses textos a temas e debates específicos. Para tanto trabalhei com três critérios de classificação das notícias. Foram eles: as drogas mais citadas nos textos; distribuição de citações de drogas nas seções dos jornais; e o que denominei de eixos temáticos, os quais foram em número de quatro: uso, tráfico, política e legislação de drogas. As notícias foram classificadas e separadas em conjuntos distintos de acordo com esses critérios. Na minha contagem, considerei os textos que citavam explicitamente alguma droga. Considerei o número de citações de uma droga por texto. Em muitos casos, diferentes drogas eram citadas num só texto jornalístico.

O registro das frequências das citações de diferentes drogas possibilitou alcançar indicadores do destaque fornecido pelo veículo de comunicação a estas substâncias. A observação da frequência com que as diferentes drogas aparecem nas várias seções do jornal, por sua vez, aprofundou a compreensão da abordagem dada pelo veículo pesquisado a uma determinada substância. Através desse recurso de classificação verifiquei se e como uma determinada droga é mais ou menos associada a situações de violência, ou a discussões de saúde, de ciência, de cultura, de lazer, políticas etc. Isso pode ser feito na medida em que as diferentes seções do jornal condensam temas e áreas específicas.

Por fim, a classificação das notícias em quatro eixos temáticos (uso, tráfico, política e legislação de drogas) permitiu uma percepção mais acurada do modo como questões particulares ligadas ao tema geral das drogas são abordadas pelos veículos de comunicação pesquisados. As notícias coletadas foram agrupadas em um desses quatro eixos, de acordo com suas temáticas principais. Em alguns casos, os textos foram inseridos em mais de um eixo temático. Isso ocorreu quando o texto abordava, ao mesmo tempo, de modo central, mais de um desses temas. No interior de cada um desses eixos temáticos, também verifiquei com que frequência uma droga era citada. Do mesmo modo, registrei a frequência com que esses quatro eixos temáticos aparecem nas respectivas seções dos jornais. O objetivo foi analisar, no primeiro caso, se há relação entre uma droga e uma ênfase temática, isto é, se determinadas substâncias aparecem mais associadas do que outras a certos debates (sobre uso, tráfico, política ou legislação). No segundo caso, a meta foi verificar se esses eixos temáticos são ou não mais relacionados, pelo veículo pesquisado, a certas áreas ou temas representados pelas suas seções.

Portanto, através de uma classificação inicialmente quantitativa das notícias pesquisadas fui detalhando a análise desse material e ampliando a compreensão dos seus significados e, assim, empreendendo, também, uma análise qualitativa. Por isso, o estudo se pautou numa combinação de abordagens qualitativas e quantitativas de pesquisa. A reflexão apresentada aqui se refere ao material coletado na Folha de São Paulo e no Agora São Paulo no período de agosto a outubro de 2010.

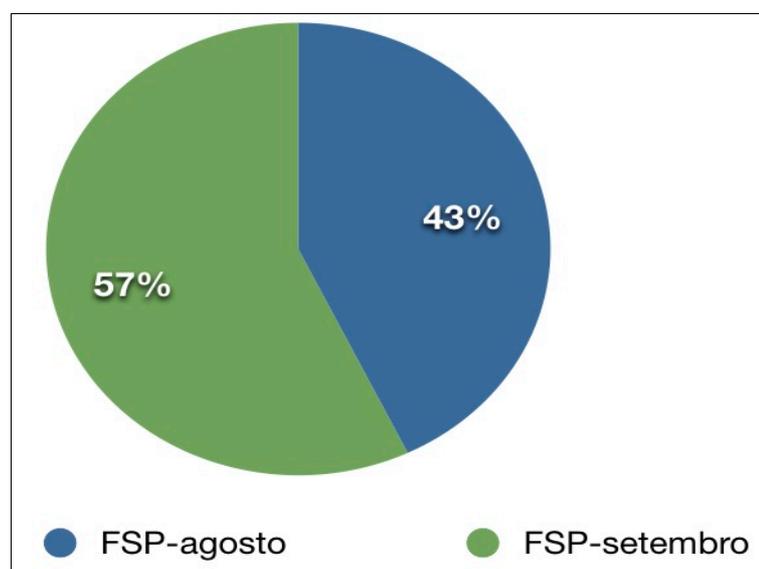
## Cap. 01: A Abordagem da Folha de São Paulo

### O Material da Folha de São Paulo de Agosto a Setembro de 2010

Como foi dito anteriormente, a seleção dos textos da Folha de São Paulo foi feita de modo on-line. A assinatura da Folha de São Paulo garantiu o acesso ao conteúdo integral dos números deste jornal, mesmo na sua versão digital. A seleção virtual de notícias facilitou o trabalho de coleta e classificação dos dados.

Nesse item estarei expondo os resultados da coleta de dados no material da Folha de São Paulo do período de 15 de agosto a 30 de setembro de 2010, levando em conta, no entanto, a primeira fase da minha amostra, quando considere os medicamentos a partir de um recorte mais amplo, conforme expliquei na introdução. Neste período de coleta de dados contabilizei um total de 84 notícias sobre drogas na Folha de São Paulo. As notícias relativas ao período de 15 a 31 de agosto somam 36 textos. Já as notícias referentes ao período de 01 a 30 de setembro somam 48 textos. O gráfico abaixo mostra a proporção de notícias coletadas nos meses de agosto e setembro de 2010.

**GRÁFICO 1:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS: AGOSTO E SETEMBRO DE 2010**  
(Folha de São Paulo – 1ª amostra)

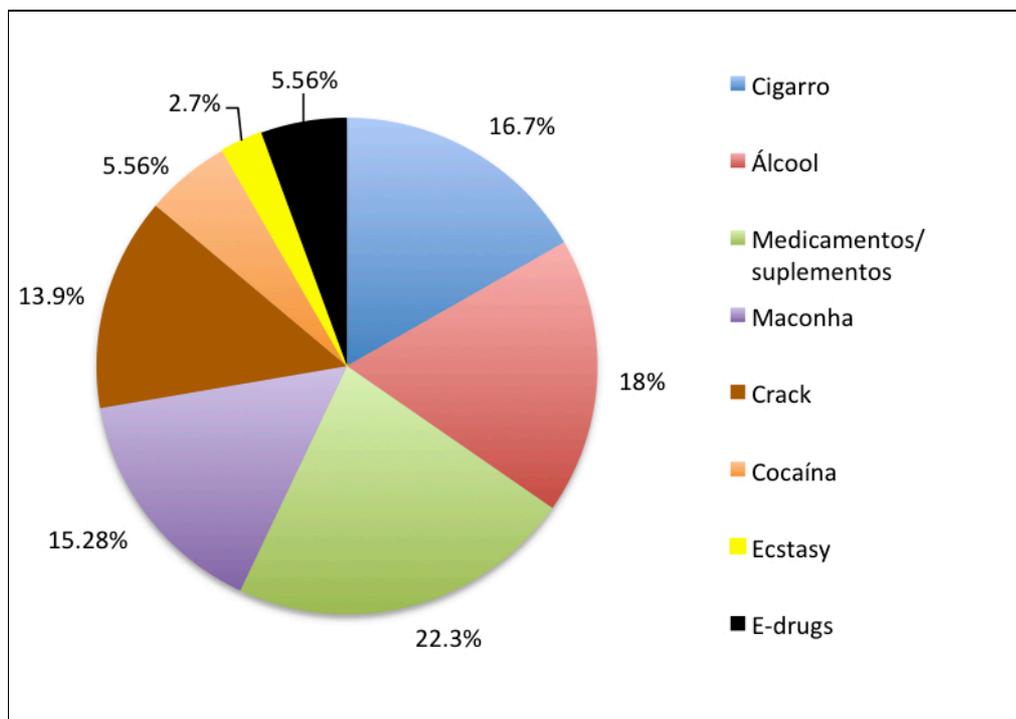


Base: 84 notícias.

Estas notícias foram classificadas e separadas em conjuntos distintos de acordo com os critérios explicitados na metodologia: a) drogas mais citadas; b) distribuição de drogas nas seções do veículo; c) eixos temáticos.

Do total de 84 notícias da Folha de São Paulo, do período de 15 de agosto a 30 de setembro de 2010, encontrei 72 citações de drogas. Destas, foram feitas referências às seguintes: cigarro, álcool, medicamentos e suplementos alimentares, maconha, crack, cocaína, ecstasy e às chamadas e-drugs, que na verdade são sons que começaram a circular na internet, apresentados como capazes de provocar estados alterados de consciência. Optei por incluir as e-drugs na minha amostragem em função do tratamento midiático dado a esse tipo de substância e das discussões em torno delas que foram divulgadas no período analisado. Estas se caracterizaram por relacionar a recorrência às e-drugs aos debates sobre uso de drogas psicotrópicas. O gráfico abaixo mostra a proporção das citações das diferentes drogas, indicando e comparando a sua frequência no material jornalístico analisado no período.

**GRÁFICO 2:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS**  
(Folha de São Paulo - Agosto e Setembro 2010)



Base: 72 citações de drogas.

Um primeiro ponto a destacar é alta frequência de referências aos medicamentos (22.3%). Entretanto, lembro, novamente, que esses resultados dizem respeito à primeira parte da pesquisa, na qual considerei uma categoria de medicamentos mais abrangente. É a partir desse recorte mais amplo que estabeleço, aqui, algumas comparações entre os meus dados de agosto e setembro de 2010 e os resultados da pesquisa realizada pela ANDI e pelo programa de DST/AIDS (ANDI e BRASIL, 2004). Esta pesquisa constatou que, com relação às menções de drogas, os medicamentos alcançavam a porcentagem de apenas 0,6% em todo o material jornalístico coletado. Os responsáveis pelo estudo ressaltaram que drogas ilícitas, como a cocaína ou o ecstasy, apesar de terem, no Brasil, um uso menor do que vários medicamentos lícitos recebiam muito mais destaque na mídia nacional, sendo citadas com maior frequência. O estudo se pautava em levantamentos feitos pelo CEBRID, em 2001, e pela SENAD (Secretaria Nacional de Políticas de Drogas), no mesmo ano. De fato, tanto o levantamento do CEBRID de 2001, quanto o posterior, de 2005, sobre o uso de drogas no Brasil, indicam que alguns medicamentos, como os estimulantes anorexígenos, e os benzodiazepínicos, como os ansiolíticos, possuem um uso mais extenso do que drogas como a cocaína e o ecstasy (Carlini, E. et al., 2005).

Entretanto, o meu levantamento de dados na Folha de São Paulo, no período de meados de agosto a setembro de 2010, aponta para uma alteração da frequência de menções destas drogas, lícitas e ilícitas. Evidentemente, é preciso relativizar essa alteração, porque há uma diferença grande entre o tamanho da minha amostra e o da amostra de estudos como o realizado pela ANDI e pelo programa de DST/AIDS (ANDI e BRASIL, 2004). Além disso, como expliquei, nessa primeira fase da minha pesquisa incluí notícias que abordavam diferentes questões relacionadas aos medicamentos, como problemas de sua regulamentação, registro de remédios ou patentes, discussões sobre sua publicidade e comércio, além de temas relativos ao seu uso ou abuso. Quando se restringe o teor destas notícias, a quantidade de textos sobre essas substâncias diminuiu consideravelmente, se aproximando aos resultados de estudos anteriores aos meus. Apesar disso, creio que o número elevado de notícias variadas sobre medicamentos registrado na Folha

de São Paulo, no período inicial do meu levantamento de dados, pode ser um indicador de que o debate sobre essas drogas, na mídia brasileira, tem se aprofundado, com a manifestação de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre as mesmas.

As menções de medicamentos, na Folha de São Paulo, no período considerado, somam 16. Dentre os medicamentos citados encontramos os seguintes: anabolizantes, metanfetaminas, ritalina, cigarros eletrônicos, antipsicóticos, suplementos alimentares, rivotril e ansiolíticos. Os anabolizantes foram citados uma vez. As metanfetaminas, que são derivados das anfetaminas, duas vezes. A ritalina, que também é um medicamento à base de anfetamina, têm igualmente duas citações. Os cigarros eletrônicos, que são classificados como medicamentos para parar de fumar, receberam uma referência. Os antipsicóticos são mencionados em um dos textos. Os suplementos alimentares também aparecem apenas em um texto. O rivotril, que é um ansiolítico, foi citado uma vez, e os ansiolíticos em geral, possuem uma referência. Desse conjunto de notícias sobre medicamentos, 6 abordam os usos destas substâncias e suas consequências ou implicações, e 8 discorrem sobre a regulação ou o controle de sua produção, venda, legislação e publicidade. Outro dado que se destacou, no levantamento inicial que realizei no período de agosto a setembro, foi um equilíbrio entre notícias de medicamentos abordando o contexto do Brasil e de outros países. Assim, há 8 textos que discorrem sobre medicamentos em outros países e 7 que abordam o tema no contexto brasileiro, além de 1 que trata de acordos entre Brasil e E.U.A para regulação e controle de remédios.

A segunda droga mais citada, na Folha, no período de agosto a setembro de 2010, na minha primeira amostra, foi o álcool, que contou com 13 menções nos textos analisados. Aqui, meus dados estão de acordo com dados de outras pesquisas, que igualmente apontam o álcool como uma das drogas mais mencionadas pela imprensa brasileira. Na pesquisa *Mídia e Drogas* (ANDI e BRASIL, 2004), por exemplo, o álcool aparece em primeiro lugar como droga mais citada nas matérias jornalísticas selecionadas, estando em 40% delas. Na pesquisa realizada por Ana Regina Noto et al. (2003), durante o ano de 1998, ele aparece em terceiro lugar, com uma porcentagem de citações muito

próxima às drogas que apareciam em segundo lugar (os derivados da coca). A maior parte das notícias sobre álcool, no meu levantamento, aborda os seus usos e suas consequências, com 12 textos incluídos nesse grupo. Há apenas um texto, desse conjunto, sobre a questão da regulação, através de leis, do uso do álcool, que trata da instauração da lei seca, no Brasil, e de seus efeitos positivos. Analisarei com mais profundidade esses textos sobre o álcool ao empreender um cruzamento entre o tipo de substância mencionada e a seção do jornal onde ela aparece. Nesse ponto da reflexão procurarei detectar as abordagens e associações com contextos e discussões mais destacadas quando o assunto é o álcool.

O cigarro foi, na primeira fase da minha coleta de dados na Folha de São Paulo, nos meses de agosto e setembro de 2010, a terceira droga mais mencionada nas matérias, representando 16.7% das citações de drogas. Esse dado, também, remete a uma aproximação com dados levantados em pesquisas anteriores. Na pesquisa *Mídia e Drogas* (ANDI e BRASIL, 2004) ele também constava nessa posição, estando, porém, abaixo da maconha, que surgia em 15% das matérias contra 10% do cigarro. Como vimos, no meu levantamento esta ordem se inverte, pois a maconha aparece em quarto lugar, mas com uma diferença ínfima em relação ao cigarro, de apenas 1.42%. É possível notar, ainda, um desequilíbrio do destaque dado pela Folha de São Paulo ao cigarro ao se registrar que, num período menor, em agosto (de 15 a 31), há um número muito maior de notícias do que em setembro, durante um período maior (de 01 a 30). São 9 notícias durante uma quinzena de agosto, e apenas três ao longo de todo o mês de setembro. Essa diferença aponta para as oscilações dos recortes e das ênfases de certos veículos da mídia brasileira no que se refere ao tema das drogas. O destaque dado a uma determinada droga muitas vezes expressa apenas questões circunstanciais, e não indica, necessariamente, a extensão do seu uso em setores da população. Da mesma forma, esse tipo de destaque não significa a divulgação constante, pela mídia, de informações ou de reflexões densas sobre certas drogas. O exemplo das referências às e-drugs é um desses casos. Embora sequer sejam, de fato, drogas, sua proporção de menções, no período analisado, é equivalente a de cocaína.

Para se ter uma compreensão mais profunda da abordagem dada pela Folha de São Paulo ao tema das drogas, no período considerado, não basta o registro da frequência de menções a estas substâncias. Como expliquei anteriormente, com a finalidade de obtermos um entendimento mais abrangente dos recortes e discursos construídos pelo veículo pesquisado, optei também por verificar a frequência das citações das drogas por caderno do jornal. A tabela abaixo mostra como se distribuíram essas citações.

**TABELA 1:**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS DROGAS POR CADERNOS**  
(Folha de São Paulo – Agosto e Setembro de 2010 – 1ª amostra)

Drogas	Cotidiano	Saúde	Folhateen	Tendências	Esporte	Ciência	Ilustrada	Mundo
Cadernos	%	%	%	%	%	%	%	%
Cigarro	14	23	20	17	—	—	—	—
Álcool	23	24	—	—	—	—	—	—
Medicamentos/ suplementos	—	43	20	33	100	100	100	—
Maconha	14	10	—	50	—	—	—	100
Crack	29	—	—	—	—	—	—	—
Cocaína	11	—	—	—	—	—	—	—
Ecstasy	6	—	—	—	—	—	—	—
E-drugs	3	—	60	—	—	—	—	—
Total citações por caderno	35	21	5	6	2	1	1	1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Base: 72 citações de drogas.

Como mostra a tabela da minha primeira amostra, a menção explícita a determinadas drogas, no período de 15 de agosto a 30 de setembro, aparece em 8 diferentes cadernos da Folha de São Paulo: Cotidiano, Saúde, Folha *Teen*, Tendências e Debates (Opinião), Esporte, Ciência, Ilustrada e Mundo. Chama a atenção que praticamente metade destas menções está no Caderno Cotidiano, exatamente 35 de um total de 72. A droga mais citada nesta seção é o crack. De um conjunto de 10 referências a esta droga, todas se encontram no Cotidiano. O álcool vem em seguida, com 8 menções de um total de 13. A maconha é a terceira. De 11 citações desta droga, 5 estão no Caderno Cotidiano. O cigarro está logo abaixo, com uma proporção de citações quase idêntica a da maconha, de 12 referências, 5 se acham no Cotidiano. Vale notar, ainda, que entre as drogas menos citadas, algumas delas como o ecstasy (total

de 2,7% de citações) e a cocaína (total de 5, 56% de citações) só aparecem nessa seção.

O segundo caderno com mais citações de drogas é o Saúde, somando um total de 21. As drogas que aparecem nessa seção são: cigarro, álcool, medicamentos e maconha. Os medicamentos possuem, aí, o maior número de citações, com uma larga vantagem sobre as outras substâncias. De um total de 16 menções a medicamentos variados, mais da metade, 9 exatamente, estão no Caderno Saúde. O cigarro e o álcool vêm em seguida, empatados na segunda posição de menções. Em último, está a maconha, que de um total de 11 citações, tem 2 neste caderno.

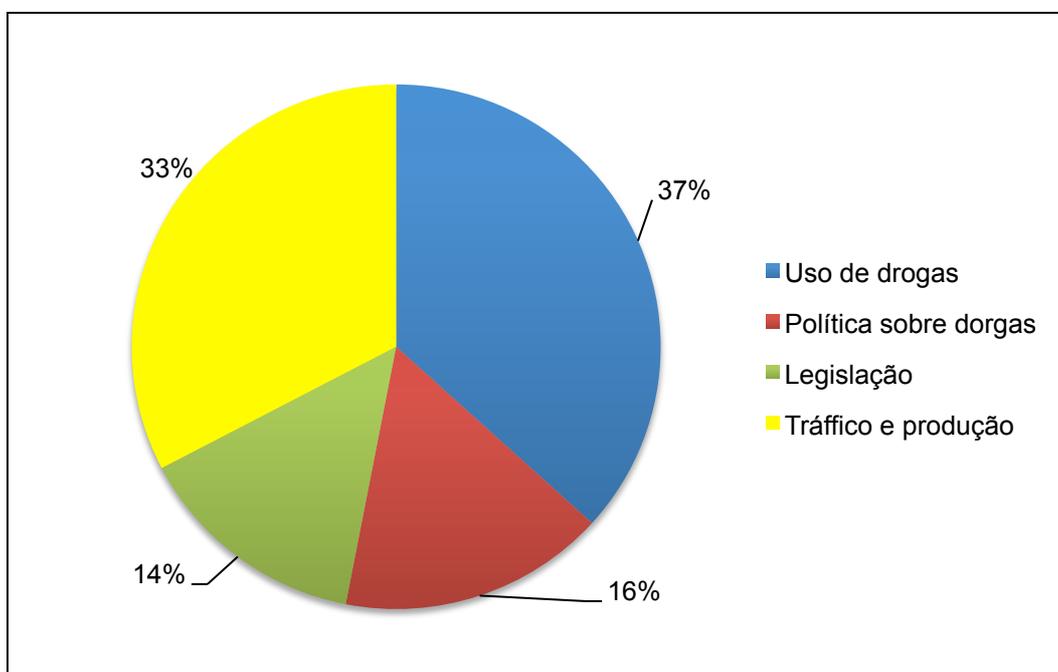
Um ponto que se destaca numa comparação entre as drogas que aparecem nesses dois cadernos, Cotidiano e Saúde, é que no primeiro ganham ênfase as ilícitas, enquanto no segundo as lícitas são maioria. Assim, das 7 substâncias mencionadas no Cotidiano, 4 são drogas ilícitas, e é uma destas, o crack, a que está em primeiro lugar das citações. Das 4 citadas no caderno Saúde, três são lícitas, sendo que a única droga ilícita (a maconha) é a última em número de menções. Esta diferença com relação à presença das drogas, nos dois cadernos, talvez expresse, também, uma distinção quanto o enfoque dado a elas. Os vários cadernos da Folha, como sabemos, condensam áreas e temas específicos. O caderno Cotidiano se caracteriza por notícias de violência, criminalidade, problemas urbanos, e fatos similares. Já o de Saúde, como aponta o nome, reúne matérias relacionadas a esta área. O fato das drogas ilícitas estarem, preferencialmente, no caderno Cotidiano, e as lícitas, no caderno Saúde, pode sugerir que a Folha de São Paulo enfatiza uma associação das primeiras substâncias com contextos de violência e desordem social, enquanto as segundas substâncias são pensadas a partir de uma discussão de saúde pública.

Outro elemento importante, para a minha análise, é a verificação das frequências de citações de uma mesma droga em textos publicados em cadernos diferentes da Folha. Assim, por exemplo, a maconha aparece em terceiro lugar na contagem de citações do caderno Cotidiano, mas é a droga mais mencionada na seção Tendências e Debates. Isso talvez seja um

indicador de que a maconha está mais ligada, numa certa mídia, a debates específicos do tema das drogas, como a questão das políticas ou das legislações sobre estas substâncias.

Com a finalidade de analisar esse tipo de relação, utilizei, no meu levantamento, conforme esclareci anteriormente, uma classificação das notícias por quatro eixos temáticos: uso de drogas; tráfico de drogas; política de drogas; legislação de drogas. As notícias sobre uso de drogas, no período de 15 de agosto a 30 de setembro, na primeira amostra, somam 36. As notícias relativas às discussões de políticas de drogas, no mesmo período, dão um total de 16, as de legislação somam 14, e os textos sobre tráfico de drogas são em número de 32. Lembro que um mesmo texto foi inserido em mais de um eixo temático quando ele se relacionava, com idêntica ênfase, a mais de uma das questões ligadas ao tema das drogas. O gráfico a seguir mostra a proporção de notícias da Folha de São Paulo sobre esses quatro eixos temáticos, no período de 15 de agosto a 30 de setembro, na fase inicial do meu levantamento.

**GRÁFICO 3:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR EIXO TEMÁTICO**  
(Folha de São Paulo – Agosto e Setembro 2010 – 1ª amostra)



Base: 97 eixos temáticos citados.

De 15 a 31 de agosto, temos 13 textos abordando o uso de drogas. Desse conjunto, a maioria, 12, aborda as consequências destes usos. O fator violência é apontado como a consequência mais relevante, estando presente em 5 notícias. Em seguida, aparecem os malefícios, com 3 textos, e benefícios para a saúde, estes com 2 matérias. Há, ainda, 2 notícias que consideram o caso de uso de drogas sem problemas ou efeitos. As notícias sobre uso de drogas se distribuem nos cadernos da Folha de São Paulo da seguinte forma: 8 no Cotidiano, 4 no de Saúde, 1 no Tendências e Debates. As drogas mais citadas nesse eixo temático, em agosto, foram o álcool e o cigarro, respectivamente com o mesmo número de referências (4). Logo em seguida vem o crack (com 3 menções), e por último, a maconha e o ecstasy, ambos com uma menção apenas.

No período de 01 a 30 de setembro encontramos 23 notícias sobre uso de drogas na Folha de São Paulo. Desse total, a maioria aborda, direta ou indiretamente, as consequências do uso de drogas. Identifiquei 16 textos que tocam na questão das consequências do uso de diferentes substâncias. Durante esse período parece ter ocorrido um privilégio do enfoque das consequências para a saúde. São 9 notícias enfocando essa temática, e a maior parte delas (7) destacam os malefícios das substâncias. Apenas 3 notícias consideram os benefícios de certas drogas e, neste caso, as substâncias mencionadas são: álcool e maconha. As outras drogas também mencionadas nas matérias que privilegiam o tema das consequências para a saúde são: cigarro e medicamentos como ritalina, rivotril ou ansiolíticos. Todas essas drogas estão associadas a malefícios para a saúde. Álcool e maconha aparecem tanto em notícias que destacam os benefícios de uso de drogas quanto naquelas que abordam os malefícios. Outros textos desse conjunto enfocam problemas como a violência, a criminalidade e outros distúrbios sociais como consequências do uso de drogas. Assim, há 2 notícias discorrendo sobre a violência e criminalidade praticada por usuários de drogas ilícitas (no caso, o crack), e 5 notícias que abordam a relação entre uso de drogas, violência e abuso sexual cometidos contra crianças e adolescentes. Nessas notícias que destacam a violência de algum tipo como consequência do uso de drogas temos a menção a uma droga lícita, o álcool (em 3 textos), e

a referência a drogas ilícitas como o crack (em 2 textos), a cocaína (em 1 texto) e a maconha (em 1 texto). As notícias sobre uso de drogas desse período que não abordam consequências estão divididas em: 2 que discorrem sobre tratamentos para a dependência ou abuso de substâncias (medicamentos baseados em metanfetamina); 1 que relata dados do aumento de consumo de antipsicóticos por crianças; 4 que relatam os tipos de efeitos psicoativos provocados por uma substância (sons alucinógenos ou e-drugs). As drogas lícitas mais citadas, em setembro, nas matérias sobre uso foram o álcool e medicamentos variados (ambos com 6 referências), depois veio o cigarro (com 2 referências). Já a droga ilícita mais citada nos textos que abordam o uso, nesse período, é o crack (5 referências); em seguida temos a maconha (3 citações) e a cocaína (1 menção).

De 15 a 31 de agosto registrei, na Folha de São Paulo, 15 textos que enfocavam o tema do tráfico de drogas. Desse conjunto, 9 tratavam de fatos passados no Brasil, e 6 de acontecimentos em outros países, em vários destes casos discutindo-se o tráfico internacional de drogas. Das notícias sobre fatos ocorridos no exterior, o país mais citado foi o México, sempre se fazendo referência ao caso do assassinato de vários imigrantes por traficantes do cartel mexicano conhecido como Los Zetas. As notícias sobre fatos ocorridos no Brasil incluíram 3 textos sobre tráfico e uso de crack, dois abordando o caso de uma criança de nove anos acusada de ser traficante da região central da cidade de São Paulo conhecida como cracolândia, e um sobre os resultados de uma pesquisa acadêmica que relacionava o tráfico e uso do crack ao aumento de homicídios em cidades brasileiras. Nesse grupo também registrei uma notícia sobre a descoberta de produção de ecstasy, duas notícias sobre o tráfico no Rio, uma sobre o tráfico em São Paulo, e duas matérias sobre leis relacionadas ou aplicadas ao tráfico de drogas.

De 01 a 30 de setembro contabilizei 17 notícias sobre tráfico de drogas na Folha de São Paulo. Grande parte delas (11) abordavam questões relacionadas ao tráfico de drogas no Brasil. Destas, a maioria (7) enfocava o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, tocando em temas como: ligações de políticos com grupos de traficantes, corrupção policial ligada ao tráfico, prisões de traficantes efetuadas pela polícia e conflitos armados entre policiais e

traficantes, envolvendo a morte destes últimos. As notícias sobre prisões de traficantes contaram com uma reportagem sobre a ação da polícia em favelas cariocas, e duas reportagens sobre a prisão de pessoas de classe média envolvidas com o tráfico de drogas. Já a notícia sobre a morte de traficantes pela polícia relatava acontecimentos ocorridos em uma favela do Rio de Janeiro. As outras duas notícias restantes sobre tráfico de drogas no Brasil, desse período, discorriam, respectivamente, sobre a possibilidade de alteração da pena para o crime de tráfico de drogas, e sobre novos métodos ou meios de apreensão e descoberta de drogas ilícitas pela polícia. Registrei, também, 6 notícias sobre narcotráfico internacional, discorrendo sobre fatos passados no México, na Colômbia e no Haiti.

As drogas mais citadas no eixo temático tráfico de drogas, em todo o período de 15 de agosto a 30 de setembro, foram crack e maconha, ambas com cinco referências. O maior número de notícias de tráfico de drogas, nesse período, se encontrava no caderno Cotidiano (17), em seguida havia um número significativo (12) no caderno Mundo, em geral aquelas que tratam do tráfico em outros países ou do tráfico internacional. Havia, ainda, 3 notícias no caderno Poder. O maior número de notícias sobre tráfico de drogas no caderno Cotidiano, o qual, como disse antes, condensa textos sobre temas como criminalidade e distúrbios urbanos, aponta para a forte associação, nesse veículo de comunicação, entre tráfico de drogas e o tema da violência.

Com relação ao eixo política de drogas, no período de 15 a 31 de agosto, constatei 7 notícias sobre política de drogas. Desse conjunto, 5 tratam mais particularmente da política de drogas brasileira, e 2 abordam a política de drogas externa. Destas duas, uma compara a situação do tráfico de drogas no México e no Brasil, defendendo a repressão como política para os dois casos. A outra discorre sobre a atual política internacional de drogas, comenta alguns de seus efeitos negativos, mas defende, também, o modelo da repressão como tratamento da questão. As drogas mencionadas nas matérias sobre política de drogas, no período de 15 a 31 de agosto são o cigarro e maconha. Há 3 textos abordando a necessidade de maior regulamentação e controle, no Brasil, sobre publicidade de cigarros, e 2 sobre a política de regulamentação da maconha.

No período de 01 a 30 de setembro, registrei algumas notícias que enfocavam o tema das políticas para controle de medicamentos. Optei por também incluir essas notícias no eixo temático política de drogas. Foram 4 textos com esse teor. Dois deles tratavam especificamente da política e legislação brasileiras; num caso a questão abordada era a necessidade de um maior controle para evitar a falsificação de remédios, no outro se destacava a importância de se criarem novos controles para a comercialização de suplementos alimentares como anabolizantes. As outras duas notícias discorriam sobre a política de controle de medicamentos nos EUA, comparando-a com a situação no Brasil e, inclusive, mencionando a existência de acordos entre os dois países visando a regulação de medicamentos. As drogas lícitas cigarro e álcool também foram mencionadas nesse eixo temático durante esse período de setembro. Encontrei uma matéria fazendo a defesa da política brasileira de proibição do uso de bebidas alcólicas para motoristas em trânsito (a chamada “lei seca”), e outro texto que discorria tanto sobre o controle do uso de cigarros, quanto sobre o de medicamentos utilizados para deixar o hábito de fumar (os “cigarros eletrônicos”), nos EUA e no Brasil. Com relação propriamente ao tema das políticas para drogas ilícitas, constatei, nesse período, 3 notícias. Apenas uma toca no tema de uma política para o uso de drogas, as outras duas falam, respectivamente, da questão da produção de drogas e de políticas de repressão ao tráfico. No primeiro caso, comenta-se o fato dos EUA retirarem o Brasil da lista de produtores de drogas, e no segundo trata-se de uma reportagem sobre a defesa, feita por um político brasileiro, do modelo de repressão, com recurso às forças armadas, para combater o tráfico no Rio de Janeiro. A única droga ilícita citada nesse eixo temático, em todo o período de 15 de agosto a 30 de setembro, foi a maconha.

As notícias sobre política de drogas normalmente tocam em questões da legislação, pois, evidentemente, esses dois temas estão ligados. Mesmo assim, optei por separar, na minha classificação, esses assuntos, com o intuito de analisar mais minuciosamente o modo como as questões sobre leis de drogas são abordadas nos veículos de comunicação pesquisados. No período de 15 a 31 de agosto, verifiquei 6 notícias sobre legislação de drogas. A maioria desses textos (4 deles) abordava questões relacionadas à legislação brasileira sobre

drogas lícitas e ilícitas. A única droga lícita citada foi o cigarro (1 vez), e a única droga ilícita mencionada diretamente como alvo de uma política de drogas foi a maconha (2 vezes). A cocaína e o crack foram mencionados em uma matéria sobre a possibilidade de novas leis para aplicação de bens do tráfico de drogas pelo Estado, mas não foram alvo de debate sobre políticas específicas para o seu uso ou comercialização. De fato, quando o tema é legislação de drogas ilícitas, considerando-se os períodos de agosto e setembro, a droga mais mencionada é a maconha. Ainda sobre a legislação de drogas ilícitas, no período de 15 de agosto a 30 de setembro, houve um discreto predomínio de textos sobre as leis relativas ao tráfico em comparação ao uso de drogas. Um ponto importante para a minha análise, que deve ser destacado aqui, é o fato de que, em todo esse conjunto de textos, o formato da atual lei brasileira sobre drogas ilícitas (lei número 11. 343/06) só foi citado uma única vez. Além disso, no período de agosto a setembro, há 3 textos que falam de inovações legais, no Brasil, no que tange ao tratamento de drogas ilícitas (tanto sobre o seu uso quanto sobre seu tráfico), sem contudo esclarecer sobre o texto da nossa lei propriamente dito.

Os resultados da classificação das notícias da Folha de São Paulo, do período de 15 de agosto a 30 de setembro, conduzem a algumas impressões iniciais sobre o tratamento dado por esse veículo de comunicação ao tema das drogas. Com relação ao destaque dado por esse jornal, nesse período, às diferentes drogas, é possível perceber algumas distinções e, por outro lado, continuidades em relação a pesquisas anteriores sobre essa mesma temática. Como vimos, uma das diferenças constatadas no meu levantamento de dados se refere ao fato de que as notícias sobre algumas drogas lícitas, como os medicamentos, foram em número maior do que as notícias sobre drogas ilícitas. Este resultado foi oposto ao da pesquisa *Mídia e Drogas* (ANDI E BRASIL, 2004), que concluiu, à época de seu levantamento, que a mídia brasileira tendia a dar mais destaque a algumas drogas ilícitas, mesmo que de pouco uso (como era o caso da cocaína e do ecstasy) do que a certas drogas lícitas, como medicamentos benzodiazepínicos (os ansiolíticos), que possuem um uso bastante extenso na população brasileira.

Embora o meu levantamento aponte os medicamentos como as drogas mais citadas na Folha de São Paulo, as menções aos ansiolíticos foram apenas em número de duas. Contudo, apesar disso, esses medicamentos expressaram um destaque muito próximo a drogas ilícitas como a cocaína, a qual se mostrou só um pouco acima em termos de citações (4), e ao ecstasy, que teve a mesma quantidade de referências (2). Por outro lado, drogas como os anabolizantes continuam, ainda, pouco citadas (apenas uma referência no nosso material). De um modo geral, porém, ao menos nos textos da Folha deste breve período, é possível notar indícios de mudanças no destaque e na abordagem fornecidos aos medicamentos. Além de aumentarem as notícias sobre os medicamentos, a maior parte desse conjunto de textos empreendia uma reflexão crítica acerca das várias questões relacionadas a essas drogas.

Além dos medicamentos, duas outras drogas lícitas, o álcool e o tabaco, se destacaram nas primeiras posições de citações nos textos da Folha de São Paulo desse período, no meu levantamento. Nesse ponto, meus dados se aproximam daqueles verificados em alguns estudos anteriores, como os constatados na pesquisa *Mídia e Drogas* (ANDI e BRASIL, 2004) e na verificação empreendida por Ana Regina Noto et al. (2003). Na primeira o álcool era a droga mais mencionada na maioria das matérias jornalísticas, e no segundo estudo esse lugar cabia ao tabaco.

Apesar dessa continuidade, com relação ao tabaco observei, também, no levantamento de dados que empreendi na primeira fase da minha coleta de dados, alguns sinais de alterações na abordagem fornecida a ele. Isso ocorreu principalmente quando comparei meus dados com os do estudo *Mídia e Drogas* (ANDI e BRASIL, 2004). Neste último, os pesquisadores verificaram que o tabaco, apesar de relativamente mencionado nos textos (ocupando a terceira posição de menções), ainda era pouco enfatizado como droga. Entretanto, a pesquisa concluía que havia uma tendência de considerá-lo, cada vez mais, um problema de saúde pública. O meu levantamento parece confirmar esta tendência. De fato, várias das matérias sobre cigarro da Folha, no período de agosto a setembro, destacam a necessidade de uma maior regulamentação e limitação de sua venda e publicidade por parte dos órgãos governamentais, em função de seus efeitos deletérios para a saúde.

Talvez esse fenômeno resulte de um endurecimento efetivo das políticas e leis governamentais brasileiras sobre o cigarro, bem como de campanhas, ligadas a aquelas, que visam informar acerca dos efeitos desta droga. Nesse sentido, é possível pensar na hipótese de que a existência de uma nova legislação para a produção, a venda e uso de certas drogas lícitas, como o cigarro, influi significativamente na divulgação de notícias, pela mídia brasileira, sobre esse tema. Dito de outro modo, o fato recebe destaque desta mídia, e parece conduzir a um tratamento mais reflexivo em relação ao cigarro. Esse ponto é importante porque o mesmo não parece ocorrer com relação ao surgimento de uma nova legislação brasileira para drogas ilícitas, conforme comentarei mais adiante.

Outro ponto que quero ressaltar, na minha comparação com estudos anteriores, diz respeito ao destaque fornecido a uma droga ilícita, que é a maconha. A meu ver, parece ocorrer relativa continuidade no destaque dado a esta droga. Assim, tanto no meu levantamento inicial na Folha de São Paulo, como nos estudos que citei anteriormente (ANDI e BRASIL, 2004; Noto et al., 2003) a maconha aparece como a primeira droga ilícita com o maior número de menções nos textos analisados.

Há um aspecto, porém, em relação à diferença de tratamento da mídia escrita brasileira às drogas lícitas e ilícitas que chama especialmente a atenção. Se, por um lado, o meu levantamento inicial de dados na Folha de São Paulo, no período de agosto a setembro, apontou uma presença grande do número de notícias sobre drogas lícitas (como os medicamentos), e nesse sentido temos uma diferença em relação a algumas pesquisas anteriores, por outro lado, a abordagem dada às drogas ilícitas parece manter muitas das características já detectadas naquelas pesquisas. Assim, uma das conclusões do estudo *Mídia e Drogas* (ANDI e BRASIL, 2004), era que tratar de drogas ilícitas, na imprensa brasileira, significava tomar como ponto de partida, necessariamente, uma relação estreita com a violência urbana. Um dos indícios dessa perspectiva, segundo o mesmo estudo, era o fato de que o destino mais comum das notícias sobre essas drogas, em diferentes veículos de comunicação, eram as páginas policiais. Conforme foi possível verificar, também, no meu levantamento, na Folha de São Paulo, as drogas ilícitas são

maioria em seções como o caderno Cotidiano, espaço dedicado a notícias sobre violência, criminalidade, e problemas urbanos variados. Algumas dessas drogas, aliás, só aparecem nessa seção do jornal, como é o caso do crack, da cocaína e do ecstasy, como é possível notar na tabela 1. Já várias das drogas lícitas recebem abordagem diferente, sendo maioria em seções como o caderno Saúde.

Finalmente, um ponto importante se refere ao destaque, na mídia brasileira, da nossa nova lei de drogas (n. 11. 343/06). A observação e análise que fiz no período de 15 de agosto a 30 de setembro, do material da Folha de São Paulo, indicam que há pouca e má divulgação sobre essa lei. Nessa primeira amostra, do total de 84 notícias, em apenas uma aparece a menção explícita ao formato desta lei. Em outras poucas notícias, ainda, há a sugestão de mudanças nesta legislação sem, contudo, esclarecimentos corretos sobre o conteúdo destas mudanças. Esse tipo de abordagem pode ter o efeito de confundir e divulgar informações equivocadas sobre a questão. Além disso, vale notar que, dos quatro eixos temáticos considerados, o de legislação sobre drogas, nesse período, é o que contém o número menor de notícias. Ainda é importante esclarecer que incluí nesse eixo temático tanto textos sobre leis para drogas ilícitas quanto para as lícitas. Assim, uma conclusão possível seria que, se a existência de novos regulamentos e novas leis sobre as drogas lícitas (como o cigarro) parece receber um destaque na mídia escrita brasileira, conduzindo a uma perspectiva mais abrangente acerca do uso destas substâncias e das suas consequências, o mesmo não ocorre com o caso das drogas ilícitas. Em outras palavras, a nova lei 11. 343/06 não apenas estaria sendo pouco e superficialmente comentada na mídia brasileira, como sua existência não geraria uma alteração significativa no tratamento dos nossos veículos de comunicação sobre as drogas ilícitas.

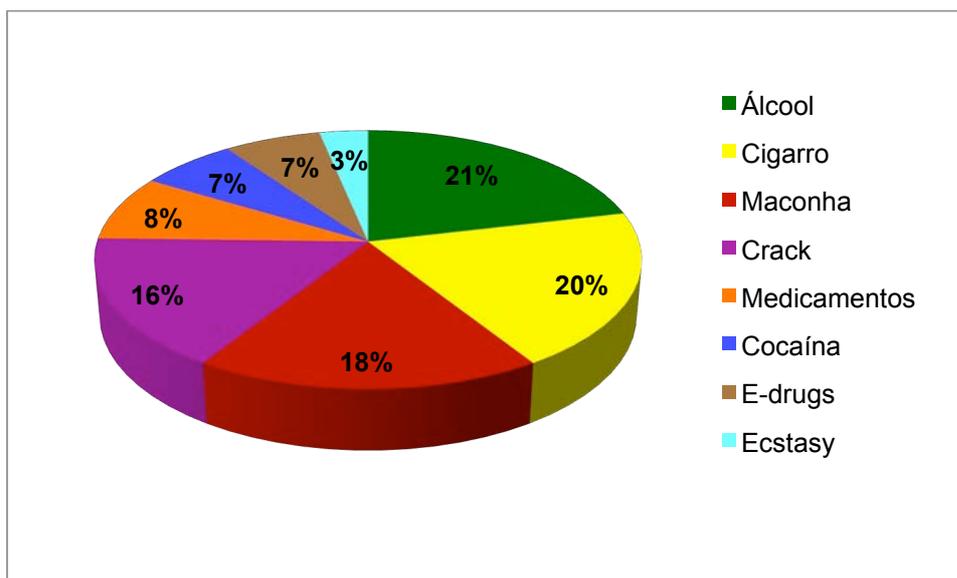
### **O Material da Folha de São Paulo de Agosto a Outubro de 2010**

O número de notícias sobre drogas no período do mês de outubro de 2010, na Folha de São Paulo, se revelou bem inferior aos meses anteriores, no mesmo jornal. Foram, ao todo, 23 notícias apenas. Como esclareci na introdução, no entanto, a partir desse período efetuei algumas mudanças com

relação à coleta de dados. Assim, as notícias sobre medicamentos, suplementos alimentares e anabolizantes (esteroides) passaram a ser consideradas apenas quando estivessem diretamente relacionadas a efeitos psicoativos, de alteração da percepção. Optei por essa redução da amostra principalmente para aprofundar a análise das notícias, comparando, assim, o tratamento que os veículos de comunicação pesquisados fornecem a substâncias que possuem mais aspectos em comum. Percebi, ao longo da pesquisa, que a inclusão das matérias sobre medicamentos estava sendo empreendida a partir de um recorte muito amplo, considerando discussões como regulação da venda e propaganda de remédios, de efeitos negativos do uso dessas substâncias, problemas relativos à sua prescrição, ou de seu abuso.

Numa primeira coleta de dados, a partir desse recorte muito amplo, no período de 15 de agosto a 30 de setembro, num total de 84 notícias, os medicamentos (termo que incluía remédios, suplementos alimentares e anabolizantes) apareciam em primeiro lugar, com uma porcentagem de 22.3%, entre as substâncias mais citadas nas matérias jornalísticas. A maior parte destas notícias estava no período de 01 a 30 de setembro. De um total de 48 notícias do mês de setembro, 13 se referiam à categoria medicamentos da nossa pesquisa. Ao todo, no período de 15 de agosto a 30 de setembro, eram 16 referências a essas substâncias. Contudo, reduzindo o recorte, e passando a considerar as notícias de medicamentos apenas quando elas estão imediatamente relacionadas a efeitos de alteração da percepção e a suas consequências (abuso, adição etc.), foram excluídas desse conjunto 11 notícias. Portanto, na nova amostra do período de 15 de agosto a 30 de setembro, passamos a ter apenas 5 notícias de medicamentos num total de, agora, 73 notícias. O gráfico a seguir mostra a frequência de citações de drogas, nesse período, na Folha de São Paulo, considerando a nova amostra.

**GRÁFICO 4:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS**  
(Folha de São Paulo – 15 de agosto a 30 de setembro de 2010 - nova amostra)

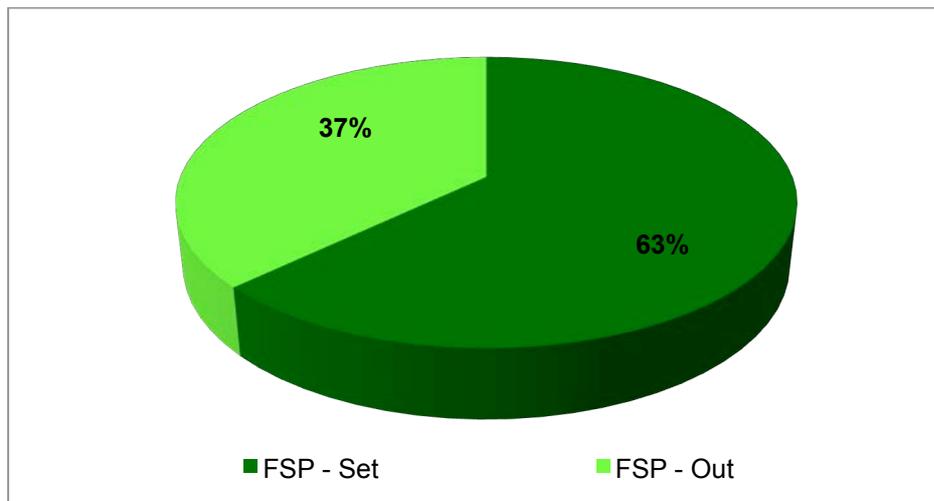


Base: 61 citações de drogas.

Vale lembrar que há notícias que não mencionam nenhuma droga e, por outro lado, algumas que mencionam várias drogas. Por isso, podemos ter mais ou menos citações de drogas do que o número de notícias. Verifiquei que, na nova amostra, os medicamentos passam a ocupar a quinta posição de drogas mais citadas nos textos jornalísticos da Folha de São Paulo desse período.

Mesmo considerando a mudança do recorte com relação à categoria medicamentos, e a consequente diminuição do número de notícias dos períodos de agosto e setembro, notei que a quantidade de textos sobre drogas no mês de outubro é consideravelmente menor em relação aos períodos anteriores analisados. Assim, por exemplo, o mês de setembro, com o novo recorte, abrange 39 notícias, enquanto o mês de outubro, como vimos, consta com 23 textos sobre drogas. Isso indica, mais uma vez, a inconstância da abordagem dos veículos da mídia nacional sobre o tema das drogas. O gráfico 8 mostra a proporção de notícias sobre drogas nos meses de setembro e outubro de 2010.

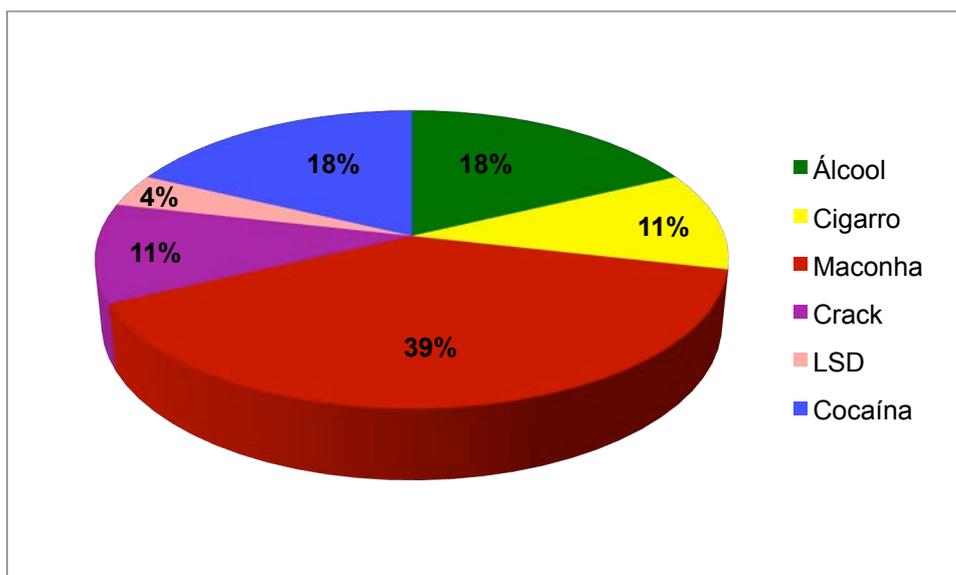
**GRÁFICO 5:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS: OUTUBRO E SETEMBRO DE 2010**  
(Folha de São Paulo – nova amostra)



Base: 62 notícias.

Do conjunto de 23 notícias *da* Folha de São Paulo, do período de 01 a 31 de outubro de 2010, verifiquei 28 citações explícitas de drogas. As substâncias citadas foram: álcool, cocaína, crack, cigarro, LSD e maconha. O gráfico seguinte indica a frequência destas citações no período.

**GRÁFICO 6:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS**  
(Folha de São Paulo – Outubro de 2010)

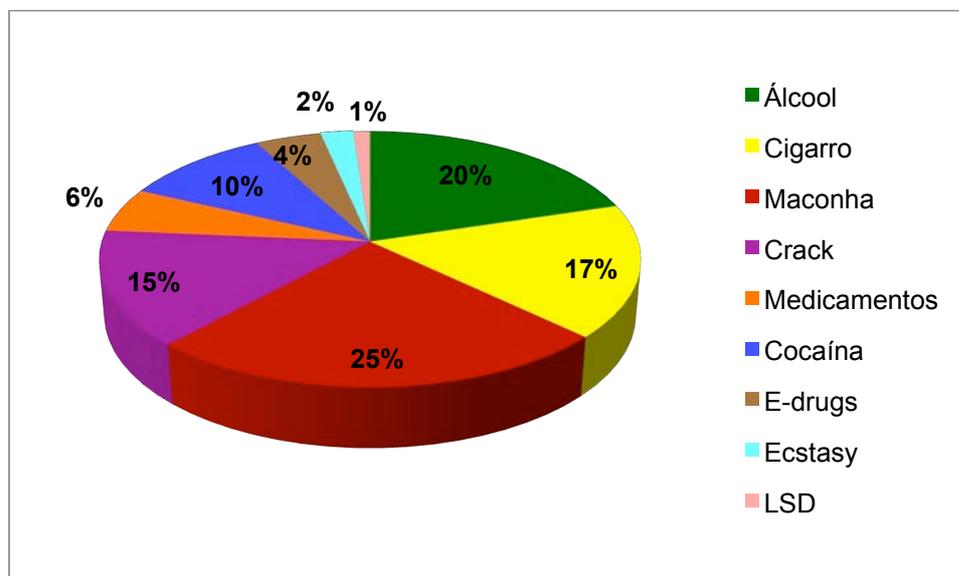


Base: 28 citações de drogas.

Assim, temos em primeiro lugar de menções a maconha, seguida pela cocaína, que aparece empatada com o álcool. Ocorre, aqui, também, uma distinção em relação às notícias do período de 15 de agosto a 30 de setembro. Enquanto neste período as drogas lícitas (medicamentos, álcool, cigarro) eram as mais citadas nas matérias jornalísticas, no mês de outubro são as ilícitas que estão entre as mais mencionadas. Assim, em outubro, a maconha está em primeiro lugar de referências, enquanto no período de 15 de agosto a 30 de setembro ela aparecia em quarto lugar (na primeira amostra, com a categoria medicamentos mais ampla) ou em terceiro (na nova amostra). A cocaína, que é a segunda mais citada no período de outubro, só aparece na sexta posição de citações no período de meados de agosto a final de setembro.

A seguir, temos um gráfico com a proporção das drogas mais citadas nas matérias da Folha de São Paulo de 15 de agosto a 31 de outubro de 2010. Ressalto que nesse gráfico estou considerando a nova amostra, com a redefinição da categoria medicamentos, num total geral de 96 notícias.

**GRÁFICO 7:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS**  
 (Folha de São Paulo – 15 de Agosto a 31 de Outubro de 2010 - nova amostra)



Base: 89 citações de drogas.

Nesse período de dois meses e meio, de 2010, é fácil perceber que o material da Folha de São Paulo dá destaque às notícias sobre a maconha. Ela é a substância mais citada nos textos. Esse destaque à maconha, na mídia

escrita brasileira, já foi observado em outros estudos. Como coloquei anteriormente, esse dado vai de encontro ao que foi verificado na pesquisa *Mídia e Drogas* empreendida pela Agência de Notícias dos Direitos de Infância (ANDI), em parceria com o Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde ((ANDI e BRASIL, 2004). Nesta pesquisa, embora a maconha não fosse a primeira droga citada nos textos, era a mais mencionada entre as drogas ilícitas, e estava a frente de drogas lícitas como o cigarro e os medicamentos. Igualmente, no estudo feito por Ana Regina Noto et al. (2003), a maconha aparecia na primeira posição de menções em comparação a outras drogas ilícitas.

Vale observar que, enquanto nesses estudos, a maconha era precedida por drogas lícitas (na pesquisa da ANDI e BRASIL pelo álcool, e na pesquisa de Ana Regina Noto et al. pelo cigarro), na minha pesquisa, num período de dois meses e meio, a maconha antecede, em termos de menções, as drogas lícitas. É verdade que tanto a minha amostra quanto o período que considerei são bem menores do que os considerados nesses outros estudos. Mesmo assim, este dado me parece relevante e coerente, pois em primeiro lugar, dá continuidade ao destaque dado pela mídia escrita nacional a essa droga, já constatado em estudos anteriores. Em segundo lugar, ele parece estar de acordo com uma tendência, do jornal Folha de São Paulo, expressa ao menos desde o ano de 2010, de fornecer um espaço especial e uma discussão mais aprofundada sobre a maconha.

O destaque fornecido ao álcool, na Folha de São Paulo, no período de 15 de agosto a 31 de outubro de 2010, também relaciona a nossa pesquisa ao estudo *Mídia e Drogas* (2004). Nessa última, o álcool foi, de longe, a substância mais citada. No meu levantamento de dados, ele continua sendo bastante mencionado, embora a frequência de suas menções agora se equipare mais a de outras substâncias, que parecem estar recebendo mais atenção de certas mídias (como é o caso da maconha e do cigarro).

A avaliação mais profunda de eventuais semelhanças ou diferenças entre os meus dados e o de outras pesquisas, é facilitada ao se analisar os recortes e enfoques dados às diferentes drogas. Isto foi feito através da reflexão sobre o modo como essas substâncias são dispostas nas várias seções dos veículos pesquisados, e sobre como elas são mais ou menos

relacionadas a certos debates. Por isso registrei e analisei a distribuição das citações de drogas nos vários cadernos da Folha de São Paulo e a sua relação com os eixos temáticos. Abaixo apresento duas tabelas com a proporção de referências às drogas nas seções da Folha de São Paulo. A primeira se refere à nova amostra do período de 15 de agosto a 30 de setembro de 2010; a segunda destaca os dados do período de outubro de 2010.

**TABELA 2:**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS DROGAS POR CADERNOS**  
(Folha de São Paulo -15 de Agosto a 30 de Setembro de 2010 – nova amostra)

Drogas Cadernos	Cotidiano %	Ilustrada %	Mundo %	Ciência %	Tendências e Debates %	Saúde %	Folha Teen %
Cigarro	14	—	—	—	25	36	20
Álcool	23	—	100	—	—	36	—
Maconha	14	—	—	—	75	14	—
Crack	29	—	—	—	—	—	—
Cocaína	11	—	—	—	—	—	—
Ecstasy	6	—	—	—	—	—	—
E-drugs	3	—	—	—	—	—	60
Medicamentos e Suplementos	—	100	—	100	—	14	20
Total citações por caderno	35	1	1	1	4	14	5
Total	100	100	100	100	100	100	100

Base: 61 citações de drogas.

**TABELA 3:**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS DROGAS POR CADERNOS**  
(Folha de São Paulo – Outubro de 2010)

Drogas Cadernos	Cotidiano %	Ilustrada %	Mundo %	Ciência %	Poder %	Opinião %	Saúde %
Cigarro	—	25	—	—	—	—	50
Álcool	14	12	—	50	25	—	50
Maconha	43	38	75	50	25	—	—
Crack	14	—	—	—	25	100	—
Cocaína	29	13	25	—	25	—	—
LSD	—	12	—	—	—	—	—
Total citações por caderno	7	8	4	2	4	1	2
Total	100	100	100	100	100	100	100

Base: 28 citações de drogas.

Portanto, no mês de outubro de 2010, as referências a determinadas drogas aparecem em 7 cadernos da Folha: Ilustrada, Cotidiano, Mundo, Poder,

Ciência, Saúde e Opinião. O que salta aos olhos é o número elevado de notícias no caderno Ilustrada, que passa a ocupar a primeira posição de número notícias que citam drogas. Esse dado destoa do que verifiquei durante os meses anteriores de agosto e setembro de 2010. Conforme observei, naquele período a seção Ilustrada estava na última posição (empatada com outras seções) de referências a drogas. Curiosamente, no mês de outubro a Ilustrada se destaca como um caderno que contém notícias sobre drogas, e inclusive fazendo referências explícitas a várias delas, pois lembro que no meu levantamento há notícias sobre a temática das drogas que não mencionam nenhuma substância. As drogas mencionadas na Ilustrada são a maconha, o cigarro (2), a cocaína (1), o álcool (1) e o LSD(1).

A maconha é a droga mais citada no caderno da Ilustrada. Todas as matérias onde ela é mencionada são assinadas. Num caso, aliás, se trata de uma coluna regular. Esse fator já é um indício de que essa droga é abordada a partir de uma profundidade maior. Além disso, os textos que a citam desenvolvem discussões densas sobre o tema das drogas. Num caso (matéria “Dependência de Nicotina”, 09/10/10), ao se refletir sobre os efeitos negativos do uso do cigarro, estabelecem-se comparações entre os efeitos desta droga no cérebro e de outras como a maconha e a cocaína. Em outra matéria (“Garota, eu vou pra Califórnia: legalização da maconha avança no exterior e debate esquentado no Brasil”, 10/10/10), realiza-se uma discussão ampla, extremamente detalhada, sobre políticas e legislações relativas à maconha, abordando-se a questão no Brasil e em outros países, com destaque aos EUA e ao plebiscito, ocorrido na Califórnia, sobre a legalização do uso recreativo da maconha. A matéria é bem embasada, contando com diversas fontes, inclusive de estudos acadêmicos, considerando-se a análise científica sobre os efeitos e consequências do uso da maconha. Vale ressaltar, ainda, que este é um dos poucos textos do meu levantamento que se refere explicitamente a atual lei brasileira de drogas, comentando-a mais minuciosamente. A terceira matéria (“MPB: Música Psicodélica Brasileira”, 27/10/10) que menciona a maconha, na Ilustrada, o faz reportando-se a uma discussão mais cultural, ao comentar sobre o lançamento de uma coletânea musical que privilegia músicas que abordam o psicodelismo.

Portanto, a maconha é não só a substância mais citada na Ilustrada, mas a que recebe uma abordagem mais especial. Aliás, algumas das outras drogas citadas nesse caderno (é o caso do álcool e da cocaína), em alguns casos, o são ao serem comparadas com a maconha, que é o tema central da matéria.

A Ilustrada, normalmente, não é uma seção da Folha de São Paulo que destaca notícias sobre drogas. Esse número mais alto de notícias sobre drogas na Ilustrada, no período de outubro de 2010, parece ocasional e excepcional. Por outro lado, a presença, nesse caderno, de um maior número de matérias sobre a maconha é mais um sinal de que há uma tendência, na Folha de São Paulo, de destacar o debate sobre essa substância.

A maconha também é a droga mais citada no caderno Cotidiano, no mês de outubro de 2010. Entretanto, o teor das matérias sobre a maconha, nesse caderno, é distinto daquele observado na Ilustrada. Os três textos sobre a maconha encontrados no Cotidiano noticiam apreensões da droga. Em dois casos trata-se de um mesmo fato, o relato de que foi encontrado maconha no carro de um artista de televisão (matérias “Polícia diz ter achado maconha em carro de Dado Dolabella”, 01/10/10 e “Dolabella vai depor em dezembro sobre droga no automóvel”, 05/10/10). No outro, noticia-se a apreensão de 670 kg de maconha numa rodovia no Paraná (matéria “Apreensão: Polícia encontra maconha em carro acidentado no PR”, 05/10/10). Essas matérias não são assinadas, e suas fontes são exclusivamente policiais. Trata-se de reportagens pouco densas, que praticamente se limitam em descrever a ação policial. Nesse sentido, essas matérias seguem o formato de outras matérias do Cotidiano. Conforme comentei nos capítulos anteriores, o caderno Cotidiano, da Folha, abrange notícias que abordam problemas urbanos, muitas vezes ligados à criminalidade e violência. São frequentes, também, nesse caderno, matérias que privilegiam fontes policiais. Portanto, como coloquei anteriormente, a abordagem sobre drogas ilícitas no Cotidiano tende a associar essas substâncias a um contexto de marginalidade e violência, ao mesmo tempo em que não destacaria reflexões mais abrangentes e densas.

As outras drogas citadas no Cotidiano, no mês de outubro, são o crack (com uma notícia), a cocaína (com duas) e o álcool (com uma). A matéria sobre o crack aborda a situação de moradores da região do centro de São Paulo,

próxima ao Elevado Costa e Silva, diante do comportamento de usuários do crack (“Pedestres formam comboio para evitar usuários de crack”, 16/10/10). É uma matéria mais abrangente, com várias fontes, além das policiais, e que trata de problemas urbanos, embora enfoque a questão da violência supostamente praticada pelos usuários de crack. A cocaína é mencionada em dois textos que tratam de uma mesma notícia: a prisão por suspeita de tráfico de drogas de um policial do DENARC em Portugal (“Portugal prende brasileiros com 1,7 tonelada de cocaína”, 12/10/10, e “Acusado de tráfico em Portugal atuou no Denarc”, 14/10/10). Desse conjunto de matérias, é a única assinada. A matéria sobre o álcool trata de um tema mais diferente, pouco usual: a suspeita de ligações entre empresários brasileiros do setor de cervejas e a polícia militar, representada pela ROTA (“Aos 40, Rota homenageia cervejarias e policiais”, 16/10/10).

Assim, com relação aos meses anteriores, o caderno Cotidiano, nesse período de outubro, continua se destacando como uma seção que apresenta um número elevado de notícias de drogas (embora agora esteja na segunda posição). Há outras continuidades. Como nos meses de agosto e setembro, em outubro, também, as drogas ilícitas (dessa vez, a maconha e a cocaína) são as mais citadas nesse caderno. Todas as drogas ilícitas mencionadas são, igualmente, associadas preferencialmente a contextos de violência, e a eixos temáticos como o tráfico, a repressão e atuação policial. Já a única droga lícita citada no Cotidiano, no mês de outubro, que é o álcool, ganha outro tratamento. Embora a matéria também não seja assinada, ela conta com várias fontes, que incluem tanto a polícia militar (que está sob suspeita de ligações escusas com empresários do setor de cervejas) quanto estudos e levantamentos de dados feitos por essa mesma polícia.

Outro ponto que vale destacar, na comparação entre o mês de outubro e os meses de agosto e setembro, é que também em outubro, o caderno Saúde, em oposição ao Cotidiano, destaca as drogas lícitas. Em outubro encontrei apenas duas menções a drogas específicas no caderno Saúde, e são elas: cigarro e álcool. As duas matérias que tratam dessas substâncias são fundamentadas em estudos científicos, de cunho acadêmico, trazendo vários dados e informações sobre os efeitos e formas de atuação dessas drogas no organismo humano (matérias “Cérebro do homem é mais vulnerável ao vício do

alcoolismo”, 20/10/10 e “Fumar entre os 50 e 60 anos pode dobrar o risco de Alzheimer”, de 27/10/10).

A próxima tabela mostra a distribuição de menções a drogas nos cadernos da Folha de São Paulo, no período de 15 de agosto a 31 de outubro de 2010, tendo em vista o meu novo recorte.

**TABELA 4:**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS DROGAS POR CADERNOS**  
(Folha de São Paulo - 15 de Agosto a 31 de Outubro de 2010- nova amostra)

Drogas Cadernos	Cotidiano %	Ilustrada %	Mundo %	Ciência %	Tendências e Debates %	Saúde %	Folha Teen %	Opinião %	Poder %
Cigarro	12	22	—	—	25	37	20	—	—
Álcool	22	11	—	33	—	37	—	—	25
Maconha	19	34	80	33	75	13	—	—	25
Crack	26	—	—	—	—	—	—	100	25
Cocaína	14	11	20	—	—	—	—	—	25
Ecstasy	5	—	—	—	—	—	—	—	—
E-drugs	2	—	—	—	—	—	60	—	—
Medicamentos	—	11	—	33	—	13	20	—	—
LSD	—	11	—	—	—	—	—	—	—
Total citações por caderno	42	9	5	3	4	16	5	1	4
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Base: 89 citações de drogas.

Como é possível notar, o caderno com mais citações explícitas de drogas é o Cotidiano. Neste, a droga mais citada é o crack. O álcool vem em seguida, e a maconha está praticamente empatada com ele.

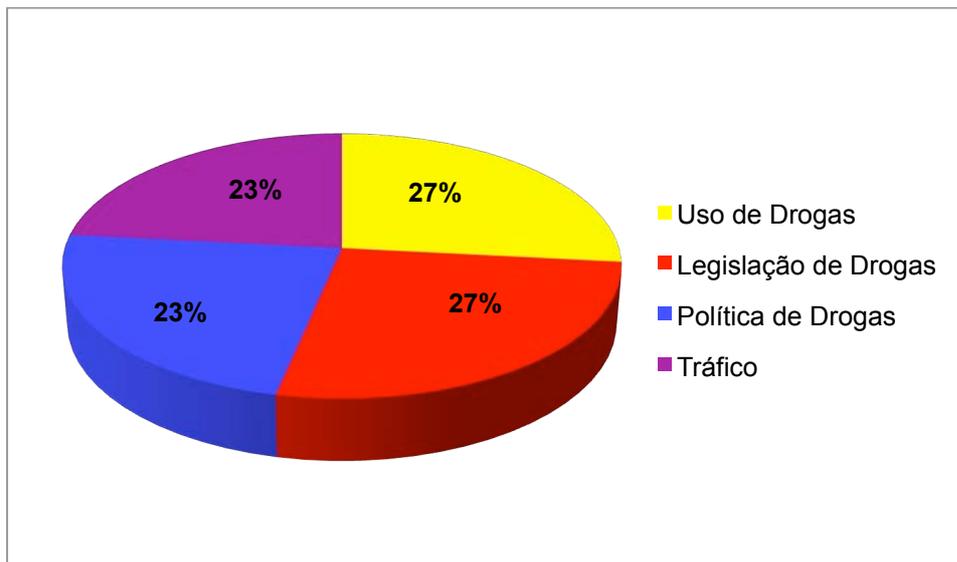
O caderno Saúde é o segundo contendo mais citações de drogas. As drogas lícitas (cigarro, álcool e medicamentos) são maioria entre as substâncias citadas aí. A única droga ilícita mencionada nessa seção é a maconha. A maconha é também a única droga ilícita a ser mencionada no caderno Ciência. Aliás, no período de 15 de agosto a 31 de outubro, a maconha é a droga (entre as ilícitas e as lícitas) que mais aparece em diferentes seções da Folha. Ela é a droga ilícita mais citada no caderno Ilustrada, uma seção que abrange notícias de cunho cultural; e é a droga mais destacada no caderno Tendências e Debates, o qual, como se sabe, é o espaço de matérias assinadas por especialistas em determinadas áreas, que debatem e apresentam, de forma aprofundada, posições divergentes sobre temas específicos. Isso mostra que, de fato, na Folha de São Paulo, há uma

tendência não só em se destacar um espaço para a discussão sobre essa droga, como também uma propensão para relacioná-la a reflexões mais amplas, de enfoques que podem variar da discussão de segurança pública a temas culturais, de saúde, de cunho científico etc.

Outra droga ilícita que ganha destaque, na Folha de São Paulo, nesse período de dois meses e meio, é o crack, a segunda droga ilícita mais mencionada nas notícias. Esse dado parece confirmar outra tendência, não só da Folha de São Paulo, mas da mídia nacional, em geral, que tem dado um destaque grande às notícias sobre crack. A maior parte das notícias sobre crack está no caderno Cotidiano, o qual, normalmente, se caracteriza por discutir temas relacionados à violência urbana. Entretanto, o crack também é mencionado em textos de outras seções deste jornal, como o Poder e o Opinião, mas de forma bem mais reduzida. Vale notar que o crack é a única droga ilícita abordada num editorial, pois o texto do caderno Opinião tem esse formato. Contudo, o editorial que menciona o crack o faz relacionando essa droga às discussões sobre políticas de segurança pública e violência (“Mais Segurança”, 01/10/10). O texto comenta dados sobre pesquisas que indicam a queda, no Brasil, na taxa de homicídios. Apesar dessa queda, o editorial ressalta que os homicídios ainda acontecem em larga escala em várias cidades brasileiras, e defende o investimento em novas políticas de segurança pública. Nesse contexto, o editorial destaca que estas políticas deveriam ter como prioridade o combate ao crack, uma droga de efeito “devastador”. Assim, o destaque dado pela Folha ao crack é significativo, mas enquanto a maconha é associada a debates e temas amplos e variados, o crack está quase que totalmente identificado a situações de violência, ao debate de segurança pública e a efeitos nocivos para a saúde.

No período de outubro de 2010, também observei a proporção de notícias sobre os temas de uso, tráfico, legislação e política de drogas, que estou chamando, aqui, de eixos temáticos. O gráfico abaixo demonstra essa proporção.

**GRÁFICO 8:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR EIXO TEMÁTICO**  
(Folha de São Paulo – Outubro 2010)



Base: 30 eixos temáticos citados.

É possível notar que há um relativo equilíbrio, no mês de outubro de 2010, na Folha, do número de notícias sobre os diferentes eixos temáticos. Em comparação aos meses anteriores, há uma quantidade bem maior de notícias sobre legislação de drogas, eixo que passa a ocupar, nesse mês, a primeira posição de citações de substâncias, junto com o eixo uso de drogas. Mais da metade das matérias (5 delas) sobre legislação de drogas enfoca a situação em outros países, abordando questões relativas a leis internacionais sobre drogas. Desse conjunto de textos sobre a situação das leis para drogas em outros países, a maioria (4) fala sobre um mesmo evento, o plebiscito sobre a legalização do uso recreativo da maconha na Califórnia, ocorrido no início de novembro de 2010. Trata-se de matérias bem embasadas, que se fundamentam em diferentes fontes, procurando refletir sobre os vários aspectos que envolvem a legalização ou proibição dessa substância. Em uma delas, que tece comparações entre diferentes legislações e políticas de drogas, em diversos países, a lei brasileira é mencionada em detalhes, apontando-se algumas de suas falhas (matéria “Garota, eu vou pra Califórnia: legalização da maconha avança no exterior e debate esquenta no Brasil”, 10/10/10).<sup>8</sup>

<sup>8</sup> As outras matérias que falam do plebiscito sobre a maconha na Califórnia são: “Maconha livre vai a voto na Califórnia”, 26/10/10; “Plebiscito poderá dar origem a uma situação surreal no país”, 26/10/10; “Latinos atacam plebiscito sobre maconha”, 27/10/10. Importante lembrar que a proposta de legalização do uso recreativo da maconha foi derrotada nesse plebiscito.

Desse conjunto sobre a legislação de drogas em outros países, há também uma matéria que discorre sobre a necessidade de criação de leis antinarcotráfico na Colômbia. No mês de outubro, na Folha, a maconha é uma droga privilegiada quando a pauta é a questão de legislações. Ela é a única droga citada nesse eixo, estando presente em cinco textos dele. Além das matérias sobre o plebiscito na Califórnia, há uma matéria comentando um debate ocorrido na Folha de São Paulo, em 22/10/10, sobre a legalização ou não da maconha (matéria "Punir usuário de maconha não ajuda", 23/10/10).<sup>9</sup>

A questão de leis de drogas no Brasil é abordada, ainda, em mais dois textos. Em um deles, uma decisão do Supremo Tribunal Federal de conceder pena alternativa a um acusado de tráfico de drogas é comentada e criticada pelo assinante do artigo (matéria "Impunidade para traficantes", 14/10/10). O outro texto comenta e analisa a atual lei brasileira de drogas, refletindo sobre algumas de suas contradições, ao ressaltar suas imprecisões na definição de uso ou tráfico de drogas (matéria "Juiz dá a palavra final se caso é de tráfico ou de uso", 02/10/10).

Assim, no mês de outubro de 2010, na Folha de São Paulo, o tema de leis de drogas é destacado, ocorrendo especial ênfase na reflexão sobre o status da maconha. Um indício de que essa temática está sendo ressaltada nesse período é o fato de que a lei brasileira é analisada detalhadamente em duas matérias.

Como já comentei, aqui, normalmente os eixos temáticos sobre leis e políticas de drogas aparecem juntos. Entretanto optei por separar esses dois eixos principalmente com o objetivo de observar se a lei brasileira de drogas tem recebido uma atenção particular da mídia nacional. Durante o mês de outubro de 2010, na Folha de São Paulo, quase todas as matérias que abordaram o tema de legislação de drogas tocaram, também, na questão das políticas de drogas. As exceções foram dois textos que se ativeram especificamente a comentários e reflexões sobre aspectos da legislação

---

<sup>9</sup> Esse debate foi realizado em 22 de outubro de 2010 pela Folha de São Paulo, em sua sede. Ele contou com a participação dos neurocientistas Sidarta Ribeiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Renato Malcher Lopes, da Universidade de Brasília, do médico psiquiatra Ronaldo Laranjeira, da UNIFESP, e da jurista Maria Lúcia Karam, membro da ONG internacional Lead.

brasileira de drogas (matéria “Juiz dá a palavra final se caso é de tráfico ou de uso”, 02/10/10; e matéria “Impunidade para traficantes”, 14/10/10).

Já as matérias que mencionam ou analisam políticas de drogas são numa quantidade um pouco menor do que as de legislação, no mês de outubro. São 7 textos. Num caso se enfatiza a necessidade do endurecimento das políticas para drogas para conter o narcotráfico na Colômbia, matéria que também aborda o eixo legislação, conforme comentamos. Em quatro outros casos, trata-se das matérias que abordam o plebiscito sobre o uso recreativo da maconha na Califórnia. Nessas matérias, ganham destaque como fontes ativistas por novas políticas de drogas, que se opõem à política de “guerra às drogas”. Na matéria “Garota, eu vou pra Califórnia: legalização da maconha avança no exterior e debate esquenta no Brasil”, por exemplo, são consultados e citados estudos científicos, acadêmicos e de organismos internacionais, ativistas, especialistas como neurocientistas, cientistas políticos, personalidades políticas, além do secretário de justiça do Brasil. Já em outro texto (“Latinos atacam plebiscito sobre maconha”, 27/10/10), são relatadas as críticas dos presidentes do México e da Colômbia à política norte-americana de drogas, colocada por eles como contraditória, pois apoia a repressão às drogas em outros países enquanto permite eventuais medidas de liberação em solo interno.

A matéria que relata o debate realizado pela Folha sobre a maconha também está agrupada nesse eixo de políticas de drogas. Por fim, há um texto que foi colocado apenas no eixo de política drogas (e não no de legislação), o qual, ao abordar o tema de regulações legais sobre o uso do álcool, sugere a existência de relações políticas estreitas entre empresários do setor de cerveja e a polícia militar de São Paulo (matéria “Aos 40, Rota homenageia cervejarias e policiais”, 16/10/10).

As drogas citadas nos eixos temáticos de legislação e política de drogas foram: maconha, álcool e tabaco. A droga mais citada foi a maconha (em cinco textos). O tabaco só foi citado quando teve seu uso e seus efeitos comparados aos da maconha, numa matéria que tinha esta como pauta central (“Garota, eu vou pra Califórnia: legalização da maconha avança no exterior e debate esquenta no Brasil”, 10/10/10). O álcool também foi mencionado nessa matéria, também apenas em analogia à maconha, mas ele foi tema principal de outro

texto, já mencionado aqui (“Aos 40, Rota homenageia cervejarias e policiais”, 16/10/10). Os temas de legislação e política de drogas, no mês de outubro de 2010, estão mais presentes no caderno Mundo.

As matérias sobre uso de drogas, nesse período de outubro de 2010, citam as seguintes substâncias: maconha, cigarro, crack, álcool, cocaína e LSD. A maconha é, também aqui, a mais citada, aparecendo em 5 dos 8 textos desse eixo. O cigarro, o álcool, o crack e a cocaína são mencionados, cada um, em dois textos; e o LSD em apenas 1. Apesar da maconha ser a droga mais mencionada nesse eixo, em vários textos desse grupo ela é citada apenas tangencialmente, isto é, ao ser comparada com outras drogas que são o tema central da matéria. É o que acontece numa matéria sobre o cigarro (“Dependência de nicotina”, 09/10/10), e numa outra sobre alcoolismo entre os índios Carajás (“Índios carajás de MT e do TO instituem "lei seca" nas aldeias”, 30/10/10). Há também um texto sobre músicas que abordam temáticas psicodélicas, que apenas cita a maconha e o LSD, mas tendo como tema principal um estilo musical (“MPB: Música Psicodélica Brasileira”, 27/10/10). Os outros dois textos que mencionam a maconha se reportam a um mesmo evento, sobre detenção por porte da substância.

Ao menos no mês de outubro, embora a maconha seja a droga mais mencionada em vários eixos (em 3 deles), é de fato nos eixos de política e legislação que ela é abordada como pauta principal. Portanto, a maconha aparece, mais do que outras substâncias, associada ao debate mais amplo de políticas e leis de drogas.

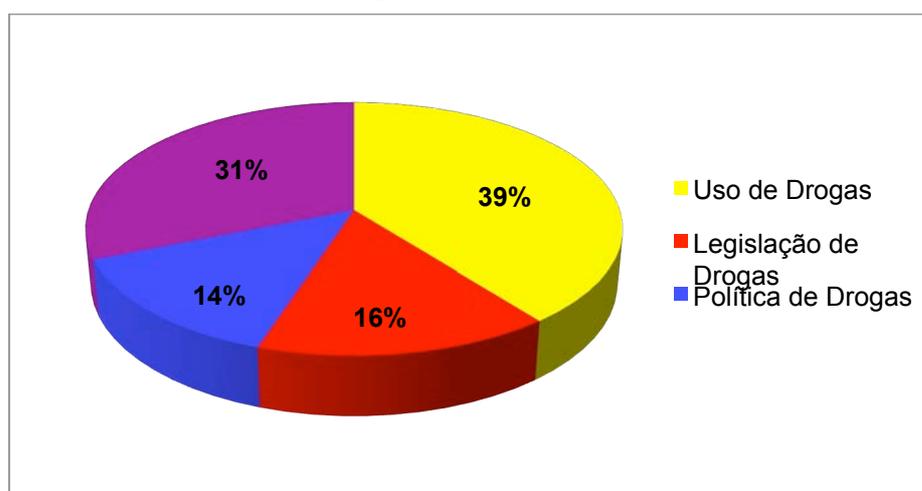
Já o cigarro e álcool são abordados, cada um, em duas matérias, que os tem como pauta principal. As matérias sobre o cigarro abordam os efeitos desta substância para a saúde. Uma das matérias também se detém sobre os efeitos desta droga no organismo humano, a outra fala sobre o alcoolismo entre os índios Carajás. O crack aparece em dois textos sobre uso de drogas. Apenas em um deles é o tema central. Trata-se de uma matéria sobre a presença de usuários de crack na região central de São Paulo. A matéria relaciona o uso do crack à violência na região (“Pedestres formam comboio para evitar usuários de crack”, 16/10/10). Finalmente, a cocaína, nesse período, na Folha, só é mencionada uma única vez no eixo uso de drogas. Ela

não é tema principal, apenas é citada periféricamente na matéria sobre alcoolismo indígena.

As matérias sobre tráfico de drogas, em outubro de 2010, na Folha de São Paulo, mencionam as seguintes substâncias: crack, maconha e cocaína. A cocaína é a droga mais citada, estando em 3 dos 7 textos desse eixo. Em todos os casos, trata-se de matérias que abordam o tráfico em outros países. Em um texto enfoca-se o narcotráfico na Colômbia, em dois outros é relatada e comentada a prisão, em Portugal, de um policial brasileiro por tráfico internacional desta droga. O crack é citado num texto do Editorial, já analisado aqui, que aborda a temática da segurança pública. A maconha é mencionada numa matéria que noticia a apreensão de 670kg desta substância.

No período de 15 de agosto a 31 de outubro de 2010, na nova amostra, no material da Folha de São Paulo, a maior parte das notícias trata de uso de drogas. O tráfico está na segunda posição de número de notícias, e os temas da legislação e política de drogas se mostram, nesse período, pouco destacados, estando praticamente empatados nas últimas posições. O gráfico a seguir indica essa proporção.

**GRÁFICO 9:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR EIXO TEMÁTICO**  
(Folha de São Paulo – 15 de agosto a 31 de outubro de 2010 - nova amostra)



Base: 109 eixos temáticos.

A droga mais citada no eixo uso de drogas, na Folha de São Paulo, no período de 15 de agosto a 31 de outubro de 2010, foi o álcool. Já no eixo tráfico, as drogas mais mencionadas, nesse período, foram o crack e a

maconha. Por fim, nos eixos política e legislação, a maconha foi a droga mais citada em todo o período.

Com relação ao destaque dado à atual lei brasileira de drogas, na Folha de São Paulo, no período de 15 de agosto a 31 de outubro, verifiquei que ela é pouco mencionada e analisada. Assim, ela é explicitamente mencionada em 4 textos, sendo analisada mais detalhadamente em apenas três destes. Desse conjunto, em dois deles, enfatizam-se críticas a aspectos da lei brasileira de drogas.

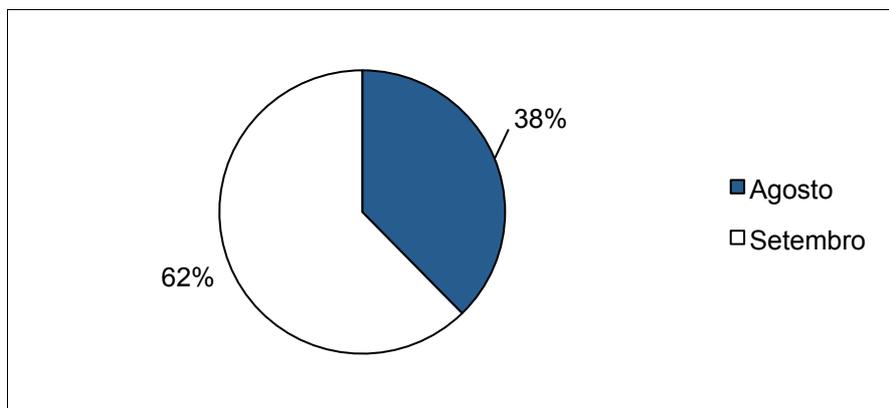
## **Cap. 02: O Jornal Agora São Paulo**

### **O Material do Agora São Paulo de Agosto a Setembro de 2010**

Escolhi incluir em minha pesquisa o jornal Agora São Paulo, mais conhecido como “Agora”. Trata-se de uma publicação, também, do grupo Folha, e da empresa Folha da Manhã. Entretanto, o Agora São Paulo se caracteriza por pretender abranger um tipo de leitor oriundo de camadas socioeconômicas mais populares. No site do jornal ([www.agora.com.br](http://www.agora.com.br)) se afirma que ele prioriza a prestação de serviços aos trabalhadores e suas famílias. Sua linguagem é econômica e direta. Grande parte das suas notícias é apresentada em textos pequenos, que têm o formato de notas informativas. O nome de algumas de suas seções, como a intitulada “Torpedos Agora”, já indica esta marca do veículo. Aliás, de um modo geral, as seções deste jornal são pouco densas, e o jornal tem um número pequeno de páginas. O Agora São Paulo é um jornal de altas vendas no Estado de São Paulo. O Instituto Verificador de Circulação (IVC, 2004), inclusive, o indica como um dos dez jornais mais vendidos do Brasil. A sua inclusão no meu estudo tem como objetivo avaliar se a abordagem fornecida ao tema das drogas varia conforme o veículo privilegia um público mais ou menos popular.

O material do Agora São Paulo utilizado no meu levantamento de dados é impresso, pois o veículo não disponibiliza assinaturas online. Comentarei, aqui, as notícias do Agora São Paulo relativas ao período de 18 de agosto a 30 de setembro de 2010, da primeira fase de minha pesquisa. As notícias contabilizadas nesse período somam um total de 69: 26 no período de agosto e 43 no de setembro. O gráfico abaixo mostra a distribuição das notícias do Jornal Agora nos meses de agosto e setembro de 2010.

**GRÁFICO 10:  
DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS: AGOSTO E SETEMBRO DE 2010  
(Agora São Paulo – 1ª amostra)**

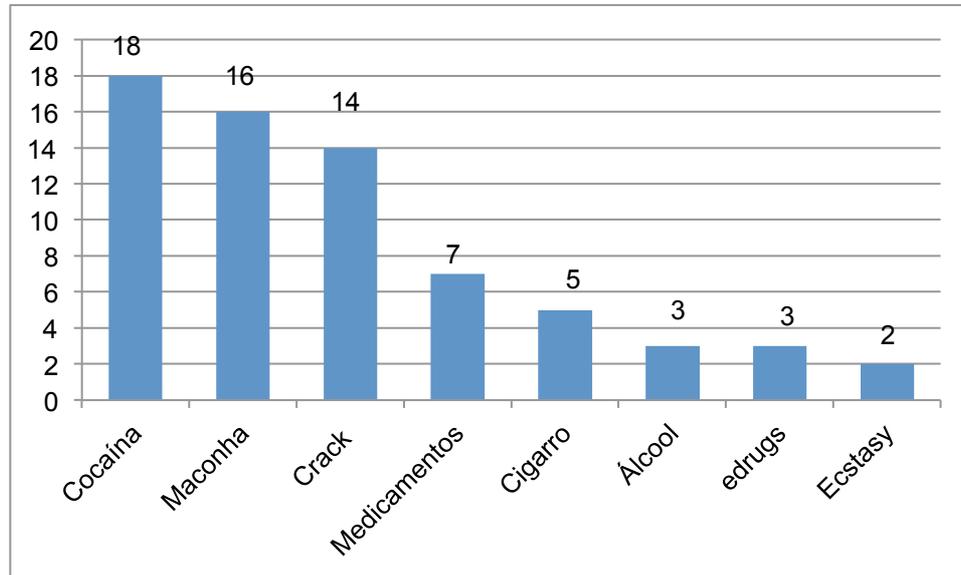


Base: 69 notícias.

Foram utilizados os mesmos critérios de seleção e classificação de notícias anteriormente aplicados ao material da Folha de São Paulo. Assim, registrei no meu levantamento de notícias do Agora São Paulo deste período: as drogas mais citadas; a distribuição de drogas nas seções do jornal; os eixos temáticos destacados.

Com relação às citações de substâncias, constatei um total de 68 referências a diferentes drogas num conjunto de 69 notícias. Trata-se, portanto, de uma alta frequência de citações específicas de drogas. No caso da Folha de São Paulo a proporção era de 72 referências num total de 84 notícias. As drogas citadas no material do Agora São Paulo foram: álcool, cigarro, cocaína, crack, e-drugs, ecstasy, maconha e medicamentos. O gráfico abaixo mostra a proporção exata da distribuição destas citações.

**GRÁFICO 11:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS EM %**  
(Agora São Paulo - Agosto e Setembro 2010 – 1ª amostra)



Base: 68 citações de drogas.

Já é possível perceber, numa primeira observação, algumas diferenças em relação ao levantamento feito com a Folha de São Paulo. Um primeiro ponto que se destaca sobre a frequência das citações é que, no material do Agora São Paulo as três primeiras posições são ocupadas por drogas ilícitas (cocaína, maconha e crack), enquanto as notícias da Folha de São Paulo, do mesmo período, apontavam drogas lícitas nessas posições (medicamentos, álcool e cigarro). Chama a atenção que a cocaína, que ficou em apenas sexto lugar no número de citações na pesquisa do material da Folha, apareça em primeiro lugar no levantamento do jornal Agora. Isso aproxima os dados do Agora São Paulo aos dados de outras pesquisas já comentadas aqui. Conforme vimos, tanto o estudo realizado pela ANDI e o Programa Nacional de DST/AIDS (2004) quanto a pesquisa empreendida por Ana Regina Noto et al. (2003) enfatizavam que havia um descompasso entre o número de notícias de certas drogas e a extensão de seu uso na população brasileira. Esses estudos apontavam que drogas de uso relativamente restrito, mas ilícitas, como a cocaína, tendiam a ganhar muito mais ênfase nos veículos de comunicação brasileiros do que certas drogas lícitas, como alguns medicamentos. Enquanto no meu levantamento inicial, os dados da Folha de São Paulo, dos meses de

agosto e setembro, sugeriram uma alteração dessa ênfase, o material do Agora São Paulo volta a corroborar as conclusões de estudos anteriores. De fato, aqui, as referências a medicamentos ocupam apenas a quarta posição. São sete citações e, na verdade, na maior parte dos casos (seis deles), trata-se de referências a suplementos alimentares, como os anabolizantes. Em apenas uma notícia se faz referência a um medicamento estimulante (a ritalina). Importante ressaltar que, segundo estudo do CEBRID (2001 e 2005), também os anabolizantes têm um uso levemente superior a drogas ilícitas como o crack. Contudo, tanto nas notícias do Agora quanto no material pesquisado em outros estudos (ANDI e BRASIL, 2004; Noto et al., 2003), o crack ganha um destaque muito maior.

Para explicar essa diferença de ênfase, entre a Folha de São Paulo e o jornal Agora São Paulo, precisaríamos aprofundar a classificação dos dados. A análise da distribuição das notícias e das citações de drogas nas seções do Agora São Paulo permite o esclarecimento de mais aspectos acerca dessa questão. Na tabela a seguir podemos visualizar como ocorre essa distribuição.

**TABELA 5:**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS DROGAS POR SEÇÕES**  
(Agora São Paulo – Agosto e Setembro de 2010 – 1ª amostra)

Drogas Seções	Polícia %	Torpedos %	Brasil %	São Paulo %	Eleições %	Editorial %
Cigarro	—	20	—	25	—	50
Álcool	2	20	—	—	—	—
Medicamentos/suplementos	2	10	—	62,5	—	—
Maconha	31	20	20	—	—	—
Crack	26	—	—	12,5	100	50
Cocaína	36	20	20	—	—	—
Ecstasy	2	10	—	—	—	—
E-drugs	—	—	60	—	—	—
Total de citações por seção	42	10	5	8	1	2
Total	100	100	100	100	100	100

Em comparação aos cadernos da Folha de São Paulo, as seções do jornal Agora são bem menores e menos densas em termos de conteúdo. Estas seções se caracterizam por mesclarem reportagens mais detalhadas com pequenos textos no estilo de notas informativas. Na tabela acima é possível

notar que o maior número de citações de drogas está na seção denominada Polícia. A frequência de citações nessa seção é largamente superior às das outras seções: 42 referências de um total de 68. A droga mais citada, na seção Polícia, é a cocaína, seguida pela maconha e depois pelo crack. Essas observações possibilitam aproximações com alguns dados coletados no material da Folha de São Paulo. Como vimos no capítulo anterior, na Folha de São Paulo, no período todo de minha pesquisa, o maior número de menções a drogas se encontrava no caderno Cotidiano, justamente uma seção que condensa notícias sobre problemas urbanos como a violência e a criminalidade. Da mesma forma, percebemos ainda de modo mais evidente a relação da seção Polícia, do jornal Agora, com as notícias que privilegiam o tema da violência. Nesse caso, o próprio nome da seção já indica, de modo claro, a relação.

Tanto no caderno Cotidiano da Folha de São Paulo, quanto na seção Polícia do Agora São Paulo as drogas ilícitas ganham destaque. Na seção Polícia do jornal Agora esse destaque é ainda maior, já que, nos meses de agosto a setembro, no meu levantamento inicial, não apenas as três primeiras drogas mais citadas são ilícitas, mas também estão em ampla vantagem em relação às drogas lícitas aí mencionadas. Embora no Cotidiano, da Folha, as drogas ilícitas citadas sejam maioria, suas frequências de citações muitas vezes se assemelham às das drogas lícitas (ver tabela 1). Entretanto, nos dois casos pode-se perceber uma continuidade com relação a um tipo de abordagem sobre as drogas ilícitas. Trata-se, como colocam, por exemplo, os autores da pesquisa feita pela ANDI e o Programa Nacional de DST/AIDS (ANDI e BRASIL, 2004), de uma associação direta entre o tema das drogas e a violência. Para esses autores a cobertura da mídia brasileira sobre as drogas (e especialmente as ilícitas) dificilmente consegue se desviar de tal associação. Em sua pesquisa eles constataram, também, que o destino mais frequente das notícias sobre drogas eram as páginas policiais.

Vale lembrar que a pesquisa da ANDI e do Programa Nacional de DST/AIDS (Brasil 2004) abordou apenas notícias sobre uso de drogas. Mesmo assim, se constatou que o principal tema abordado, nas notícias sobre uso de drogas pesquisadas, era a relação do usuário destas substâncias com a

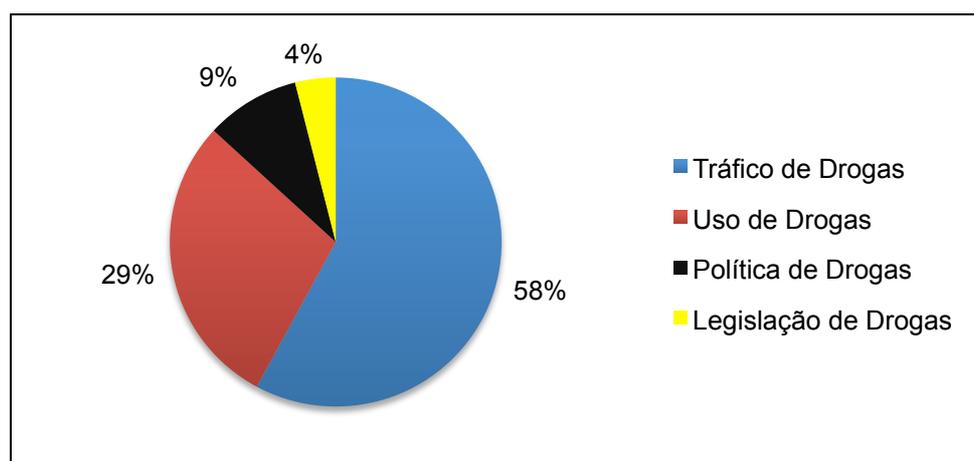
violência. Nesta relação, na maior parte dos textos jornalísticos os usuários de drogas apareciam como agressores e, só bem mais raramente, como vítimas de violência. Esse quadro se acentua ainda mais no meu estudo, o qual inclui notícias sobre tráfico de drogas. Quando o tema central é o tráfico a associação com contextos de violência é significativamente maior. Outro ponto destacado na pesquisa da ANDI e do Programa Nacional de DST/AIDS, sobre a cobertura de veículos de comunicação brasileiros acerca de drogas, é o predomínio de um enfoque policial nas matérias, e de uma recorrência a fontes policiais. Nesse aspecto também é possível estabelecer analogias com o meu estudo. Assim, por exemplo, um grande conjunto das notícias do Agora São Paulo, do período de agosto a setembro, possui como fontes principais representantes de diferentes polícias. Além disso, grande parte destas notícias praticamente apenas retratam ações de repressão da polícia, construindo uma descrição que parece ter paralelos com documentos policiais como os boletins de ocorrência. Algumas chamadas desses textos apontam para esse aspecto. Vejamos alguns exemplos: “Polícia acha 24kg de cocaína” (21/08/10); “2 Detidos por tráfico de drogas” (08/09/10); “Presa com 500kg de maconha” (11/09/10); “Detido com maconha em cafezal” (16/09/10); “Polícia detém 123 suspeitos no litoral” (18/09/10); “Cinco presos por tráfico de cocaína” (21/08/10); “PM apreende 2000 pedras de crack”(30/09/10).

Ainda a respeito da distribuição de citações das diferentes drogas nas seções do Agora São Paulo, no período considerado nesse item, saliento a diferença de tratamento entre drogas ilícitas como a cocaína e a maconha e uma droga lícita como o cigarro. Enquanto as primeiras têm a maioria de suas menções na seção Polícia e estão bastante associadas a contextos de violência, tendo como fontes principais os agentes policiais, as notícias sobre o cigarro privilegiam informações sobre saúde, direitos dos usuários da substância e discussões sobre políticas públicas, tendo como fontes pesquisas acadêmicas e profissionais da área de saúde. Além disso, notei que um grande número das notícias sobre drogas ilícitas não é assinada, e tem o formato de textos pequenos. Já as notícias sobre o cigarro são todas reportagens (inclusive aquelas que estão na seção Torpedos) e, destas, apenas uma não é assinada.

É claro que cigarro, cocaína, crack, maconha, são substâncias diferentes, com efeitos diversos, podendo ser classificadas em categorias de drogas distintas. No entanto, aqui, interessa chamar a atenção para o fato de que enquanto substâncias de uso permitido e regulado pela lei recebem dos veículos de comunicação um tratamento mais aprofundado e cuidadoso, as substâncias ilícitas são tratadas pelos mesmos veículos de um modo superficial, e associadas com frequência a estereótipos negativos. Esse tipo de abordagem pouco contribui para um debate público sobre as políticas de drogas e, ao contrário, tem o efeito de reforçar os estigmas do senso comum aos quais muitas substâncias ilícitas estão ligadas. Ao que parece, ao menos alguns veículos de comunicação brasileiros tendem a acentuar a marginalidade das drogas ilícitas.

Com o objetivo de aprofundar a análise do teor das notícias do Agora São Paulo, do mesmo modo que procedi com o material da Folha de São Paulo, realizei uma classificação dos textos em função dos seus eixos temáticos principais. O gráfico a seguir mostra a proporção de notícias do jornal Agora, em cada um desses eixos, no período de 18 de agosto a 30 de setembro de 2010, levando em conta a primeira amostra.

**GRÁFICO 12:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR EIXO TEMÁTICO**  
(Agora São Paulo – Agosto e Setembro 2010 - 1ª amostra)



Base: 76 citações de eixos temáticos.

Uma primeira observação, que salta aos olhos, é o grande número de notícias sobre tráfico de drogas no período de 18 de agosto a 30 de setembro

de 2010. Destas, quase todas (41) destacam fatos ocorridos no Brasil. Há apenas 4 notícias tratando do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, e uma boa parte dos textos registra ações da polícia de apreensão de drogas ilícitas ou do flagrante do seu transporte no estado de São Paulo, principalmente no seu interior, na capital e grande São Paulo. Há somente 3 notícias destacando o tráfico de drogas fora do Brasil. Em dois casos, do assassinato de imigrantes por cartéis do tráfico mexicano, enquanto no outro texto se noticia a prisão de um brasileiro suspeito de tráfico na fronteira do Paraguai com o Brasil. A droga mais citada nesse conjunto de notícias foi a cocaína, com 16 menções, em seguida apareceu a maconha, com 12 citações e depois o crack, com 10 referências e o ecstasy, com apenas uma citação. A relação entre o tema do tráfico de drogas e as questões de violência e criminalidade torna-se evidente já ao notarmos que a maior parte destas notícias (33 delas) acha-se na seção Polícia do jornal Agora.

No eixo uso de drogas, no período de 18 de agosto a 30 de setembro de 2010, considerando a primeira amostra, registrei 22 notícias. As drogas mais citadas, nesse conjunto de textos, foram o crack e o cigarro, ambas com 5 menções; em seguida apareceram os medicamentos com 3 citações, contando com menções às seguintes substâncias: ritaliana (1 vez) e anabolizantes (2 vezes). Com o mesmo número de referências que os medicamentos, temos as chamadas e-drugs ou sons alucinógenos e, finalmente, a maconha e o álcool com apenas duas citações cada um.

Do conjunto de matérias sobre o crack, encontrei três que associam o uso do crack à prática de violência por seus usuários e, inclusive, à criminalidade. Em duas dessas matérias esta relação é imediatamente explicitada nas chamadas. Assim, num texto, o título é: “Crack assassino” e no outro, “Chegada do crack eleva mortes nas cidades”. Percebi que nos dois casos, não apenas se vincula diretamente o uso da droga à prática de violência como também se responsabiliza a própria droga pela produção desse tipo de distúrbio. A ideia básica parece ser que a droga, em si, é má e mata. Esses dois textos comentam os resultados de uma mesma pesquisa acadêmica, a qual relaciona o aumento de homicídios em Belo Horizonte com o aumento do tráfico e do uso do crack nessa cidade. A outra matéria que vincula o uso de

crack à violência e delitos aborda a situação da região do centro da cidade de São Paulo conhecida como cracolândia. A matéria destaca a violência entre os próprios usuários de crack, e a prática, por estes, de delitos como furtos, abordando também as falhas dos projetos do governo municipal de reurbanização da região. As outras duas matérias sobre uso de crack privilegiam outras questões. Uma delas tem como foco o envolvimento de crianças e adolescentes tanto com o uso ou com tráfico de crack. Esta reportagem é ampla, ganhando toda uma página do jornal e sendo dividida em vários textos que se detém em diferentes histórias e perfis de crianças ou adolescentes envolvidos com uso e tráfico de crack, bem como com outros tipos de delitos. A matéria especula sobre quais as causas do envolvimento de crianças com o uso de drogas e com a criminalidade, fazendo uso de fontes diversas, como policiais, crianças e adolescentes envolvidos, representantes do governo, órgãos e profissionais que dão assistência a crianças e adolescentes. Apesar dessa diversidade de fontes, a matéria foi publicada na seção Polícia. Isso indica, portanto, que toda a discussão tende a ser encaixada no debate de segurança pública e vista, de um modo geral, como uma questão de polícia. A outra matéria é uma pequena entrevista com um então candidato a uma vaga do senado, por São Paulo, o qual menciona o aumento do uso do crack como um problema social e propõe como solução o estabelecimento de tratamento gratuito, por órgãos públicos, para usuários. Este texto foi publicado numa seção especial do jornal, intitulada Eleições.

No eixo política de drogas, no período analisado, encontramos, no Agora, 7 notícias. Todas essas notícias tratam da política de drogas no Brasil. Importante esclarecer que, como fiz com o material da Folha, decidi, aqui, também, incluir algumas notícias que tratam de substâncias como os anabolizantes. Assim, desse conjunto, temos 2 notícias que denunciam a venda ilegal de anabolizantes e destacam a necessidade de uma política governamental que exerça um maior controle sobre a comercialização dessas substâncias. O cigarro é citado em dois textos: num caso se enfatiza a falta de opções de tratamento público na cidade de São Paulo para aqueles que desejam deixar o hábito de fumar, e no outro se afirma o apoio às políticas públicas de restrição ao uso do cigarro. O crack aparece em um texto, quando

um candidato ao senado, por São Paulo, defende a ideia de que os órgãos públicos deveriam instituir políticas que garantissem tratamento gratuito aos usuários dessa droga. O tema das políticas para o tráfico de drogas aparece em dois textos: um registra a existência de um projeto de lei brasileiro que propõe o aumento da pena para o crime de tráfico de drogas, e o outro noticia a proposta de um candidato ao senado, por São Paulo, de políticas de maior repressão e combate ao tráfico. Nesses dois casos, entretanto, os textos são sucintos. O que fala do projeto de lei é apenas uma nota, e a proposta do candidato ao senado é mencionada numa pequena entrevista com ele (embora a sua proposta seja o título do texto). Nesse sentido, mais uma vez, notei diferenças significativas na abordagem de drogas lícitas e ilícitas. Enquanto, por exemplo, as políticas públicas para o cigarro mereceram, no Agora São Paulo, textos mais densos, com discussões mais aprofundadas, o tema das políticas públicas para drogas ilícitas aparece em textos de outro tipo de formato, muito mais breves, com informações reduzidas e sem praticamente nenhuma discussão ou reflexão.

O tema da legislação de drogas foi pouquíssimo abordado pelo jornal Agora no período da minha coleta de dados. Nos meses de agosto a setembro de 2010, levando em conta a primeira amostra, constatei apenas uma notícia relacionada ao tema das legislações sobre drogas ilícitas. Trata-se do pequeno texto, também relacionado ao tema política de drogas, que apenas informa sobre um projeto de lei brasileiro que propõe uma pena maior para o crime de tráfico de drogas. A discussão sobre leis para drogas lícitas aparece, também, num texto que aborda o uso do cigarro, igualmente mencionado no eixo política de drogas. Por fim, apesar da categorização ambígua dos anabolizantes, pelos motivos já mencionados aqui, optei por incluir uma notícia que trata da legislação acerca da venda de anabolizantes, informando que a pena para comercialização ilegal desse tipo de substância é de 15 anos. De modo similar ao que ocorreu com relação ao tema política de drogas, não encontrei, no Agora, no período considerado, textos que se detenham numa reflexão ampla sobre leis relativas ao uso e tráfico de drogas ilícitas. Vale ressaltar, aliás, que o texto que comenta a proposta de lei para ampliar a pena para o crime de tráfico, além de ser meramente informativo está na seção Polícia. O

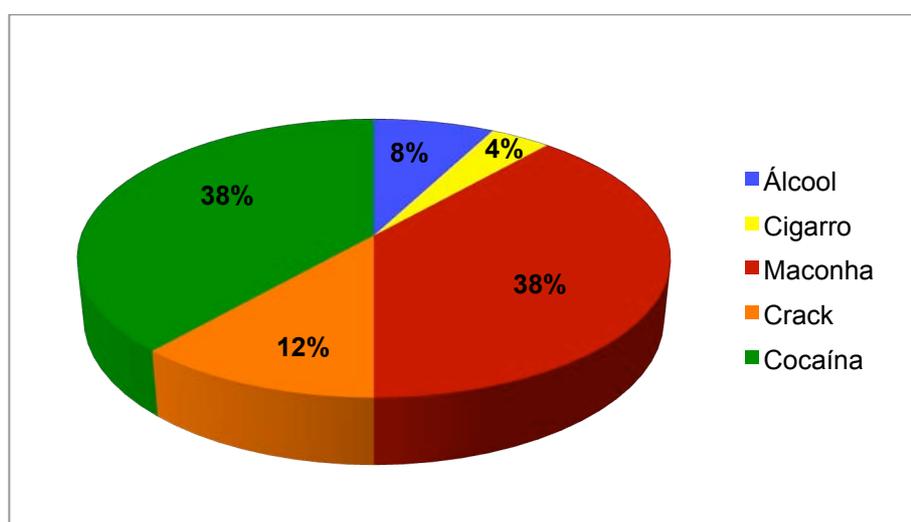
posicionamento desse tipo de notícia numa seção do jornal dedicada a assuntos sobre violência urbana e criminalidade indica a ausência, nesse veículo, de uma abordagem que proporcione uma reflexão sobre as possibilidades de legislações para diferentes drogas.

Importante ressaltar que não foi possível encaixar, sempre, todas as notícias em um eixo temático. Assim, no período considerado, encontrei duas notícias que simplesmente registram apreensão de substâncias, num caso de entorpecentes e no outro de anabolizantes, e nos dois textos esses registros se dão simultaneamente ao da apreensão de objetos diversos como armas e DVDs. O conteúdo desses textos não possui informação suficiente para que os classifiquemos como ligados aos temas de uso ou tráfico, política e legislação de drogas.

### O Material do Agora São Paulo de Agosto a Outubro de 2010

No mês de outubro de 2010 registrei 31 notícias sobre drogas no jornal Agora São Paulo. As substâncias citadas nessas notícias foram: álcool, cigarro, cocaína, crack e maconha. Foram, ao todo, 26 citações explícitas de substâncias (lembrando que contabilizamos as citações repetidas de uma mesma droga). O gráfico abaixo indica a distribuição de citações de drogas no Agora durante o mês de outubro.

**GRÁFICO 13:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS**  
(Agora São Paulo - Outubro 2010)

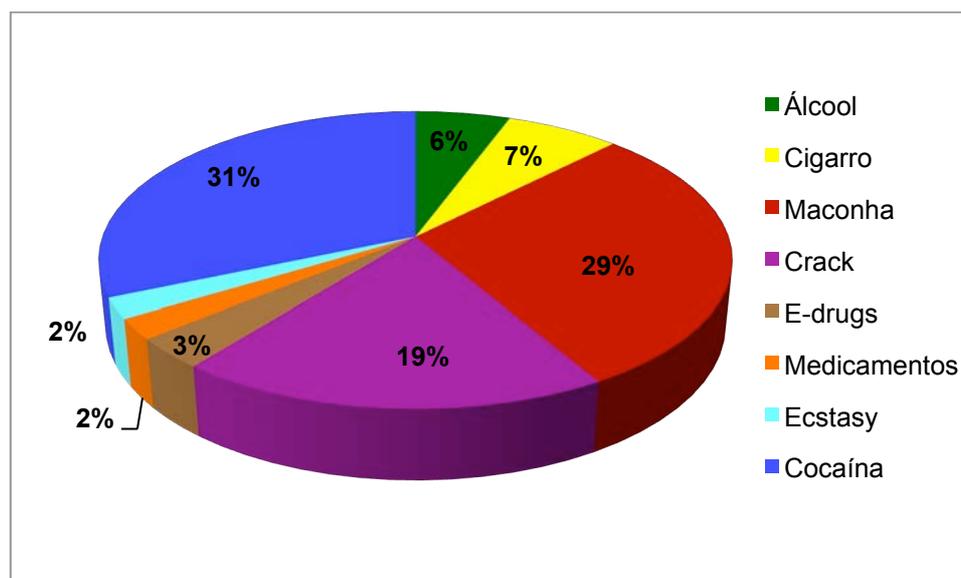


Base: 26 citações de drogas.

Como vemos, a maconha e a cocaína foram as drogas mais mencionadas, com um mesmo número de referências. Esse dado dá continuidade ao que observei no período anterior, de 18 de agosto a 30 de setembro, quando estas duas drogas também ocupavam as primeiras posições de menções nos textos do Agora São Paulo, só que naquele período a cocaína ultrapassava levemente a maconha, enquanto agora elas estão empatadas. O crack também continua ocupando a mesma posição de citações nos textos, aparecendo em terceiro lugar. Portanto, novamente, no mês de outubro, da mesma forma que no período anterior, as drogas ilícitas são as mais mencionadas nas matérias do Agora.

O gráfico a seguir mostra a proporção de citações de substâncias, nos textos do Agora São Paulo, do período de 18 de agosto a 31 de outubro, considerando o novo recorte dos dados do período de 18 de agosto a 30 de setembro, pois, conforme fiz com o material da Folha de São Paulo, também nesse jornal retirei algumas notícias sobre medicamentos da amostra, no decorrer da pesquisa.

**GRÁFICO 14:**  
**DROGAS MAIS CITADAS NOS TEXTOS**  
(Agora São Paulo - 18 de agosto a 31 de Outubro de 2010 – nova amostra)



Base: 89 citações de drogas.

Assim, de um conjunto de 95 notícias, da nova amostra, de 18 de agosto a 31 de outubro, a droga mais citada, nos textos do Agora, foi a cocaína. Em

seguida, aparece a maconha, e o crack ocupa a terceira posição. Tivemos, ao todo, 89 citações explícitas de drogas. Vejamos, na próxima tabela, como essas citações se distribuem, em outubro, nas diferentes seções do Agora.

**TABELA 6:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE DROGAS NAS SEÇÕES DO AGORA**  
(Agora São Paulo - Outubro de 2010)

Drogas Seções	Brasil Agora %	Polícia %	Torpedos %	Zapping %
Cigarro	—	—	20	—
Álcool	—	5	20	—
Maconha	—	37	40	100
Crack	—	16	—	—
Cocaína	100	42	20	—
Total citações por seções	1	19	5	1
Total	100	100	100	100

Como notamos, a seção com mais citações de drogas é a denominada Polícia. As drogas citadas aí são a cocaína, a maconha, o crack e o álcool. A cocaína vem em primeiro lugar, e a maioria de suas menções, inclusive, ocorre nessa seção. O mesmo se dá com a maconha, que é a segunda droga mais mencionada na seção Polícia. O crack aparece em terceiro lugar. Portanto, são as drogas ilícitas as mais citadas nessa seção durante o mês de outubro.

As notícias da seção Polícia, como já comentei, privilegiam as ações das várias polícias, na maior parte das vezes limitando-se a relatar as operações policiais. Esse viés também pode ser verificado no mês de outubro. Assim, por exemplo, a maioria das notícias sobre cocaína, presentes nessa seção, possuem como fontes únicas representantes das próprias polícias. Todos esses textos fazem apenas relatos de ações policiais, como prisões por tráfico, por porte de drogas ou apreensão de drogas. A maior parte deles é breve, e alguns, aliás, tem o formato de simples notas. Os títulos de vários desses textos já indicam o privilégio dessa abordagem policial: “Motorista paraguaio é detido com cocaína” (17/10/10), “Menor detido com drogas” (19/10/10). As matérias sobre maconha da seção Polícia também seguem esse formato. Vejamos algumas de suas chamadas: “PM prende mãe e filha por drogas” (06/10/10), “Três presos por tráfico são soltos após 103 dias” (02/10/10), “Maconha é achada no interior” (17/10/10), são alguns exemplos.

Na tabela abaixo podemos observar a distribuição de menções às drogas nas seções do Agora São Paulo no período de 18 de agosto a 31 de outubro, considerando a nova amostra.

**TABELA 7:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE DROGAS NAS SEÇÕES**  
(Agora São Paulo - 18 de agosto a 31 de outubro de 2010 – nova amostra)

Drogas Seções	Brasil Agora %	Polícia %	Torpedos %	São Paulo Agora %	Editorial %	Eleições Agora %	Zapping %
Cigarro	—	—	23	40	50	—	—
Álcool	—	5	8	20	—	—	—
Maconha	17	33	30	—	—	—	100
Crack	—	23	—	20	50	100	—
Cocaína	33	37	23	—	—	—	—
Medicamentos	—	—	8	20	—	—	—
E-drugs	50	—	—	—	—	—	—
Ecstasy	—	2	8	—	—	—	—
Total citações Por seções	6	61	13	5	2	1	1
Total	100	100	100	100	100	100	100

De fato, a seção Polícia, no período de agosto a outubro de 2010, da nova amostra, é a que contém mais citações de drogas. As drogas ilícitas são as mais citadas nessa seção. A cocaína é a droga mais citada, seguida de perto pela maconha e, depois, pelo crack. A grande maioria das notícias de cocaína se encontra nessa seção. Além da seção Polícia, a cocaína aparece ainda em textos das seções Torpedos e Brasil Agora, mas numa quantidade bem pequena. Os textos sobre cocaína que estão na seção Polícia são quase todos sobre tráfico de drogas. A maioria deles está no formato de pequenas notas informativas e relatam ações policiais. Mais uma vez os títulos desses textos já demonstram o seu teor. Vejamos alguns deles: “Caminhão tinha 350 kg de cocaína” (27/08/10); “Drogas” (02/09/10); “Estrangeiras flagradas com drogas” (19/10/10); “Menor levava cocaína em gesso em SP” (12/10/10).

Como mostra a tabela acima, a maconha também tem a grande maioria dos seus textos na seção Polícia. Das matérias sobre a maconha que se encontram nesta seção quase todas são sobre tráfico, tal como ocorre com os textos sobre cocaína. Há apenas dois textos que não classificamos nessa categoria. Um que relata a apreensão e porte de drogas por uma criança e não especifica a quantidade da droga apreendida, e outro que também é impreciso com relação a esse ponto, noticiando apenas a apreensão de várias drogas, entre elas a maconha. Esses dois textos são breves notas que relatam a ação

policial, tendo como única fonte a própria polícia (no caso, a polícia militar). Aliás, metade dos textos sobre maconha da seção Polícia possui como fontes únicas a polícia. Esta é muitas vezes denominada genericamente através do termo “policiais”, mas aparecem mais frequentemente referências à polícia militar. Mais da metade das notícias sobre maconha da seção Polícia tem, também, o formato de notas pequenas. Em geral, as chamadas das matérias sobre a maconha da seção Polícia seguem o mesmo estilo das chamadas dos textos sobre cocaína, se reportando de imediato à própria atuação policial.

As matérias sobre crack, do período considerado, também se concentram, quase todas, na seção Polícia. Constatei, no entanto, um número maior de textos sobre o crack no formato de reportagens do que sobre a cocaína e a maconha, cuja maior parte de notícias estava na forma de notas pequenas. Algumas das matérias sobre crack no formato reportagem consideravam outras fontes além das policiais, como pesquisas acadêmicas, órgãos do governo (principalmente da prefeitura de São Paulo), usuários da droga, comerciantes e moradores da região onde ocorre o uso do crack. Outro conjunto delas se baseava, contudo, apenas em relatos e fontes policiais. A grande maioria das matérias sobre o crack presentes na seção Polícia abordam questões relacionadas a essa droga no contexto de São Paulo, mais propriamente da cidade de São Paulo. De um conjunto de 14 notícias sobre crack na seção Polícia, 6 tratam da região do centro de São Paulo conhecida como cracolândia ou seus entornos.

Ao longo de meu levantamento, pareceu ocorrer um destaque, no jornal Agora, com relação ao tema do crack. Assim, em comparação aos textos sobre cocaína e maconha, o conjunto de textos sobre o crack, na seção Polícia, se mostrou mais detalhado. Daí, também, a recorrência maior a fontes diversas nas matérias que discorrem sobre o crack. Entretanto, o destaque dado a essa droga, no Agora, vem acompanhado de uma visão bastante negativa e de um tom alarmista. Novamente é profícuo observarmos alguns títulos dessas matérias. Por exemplo, uma matéria mais ampla sobre a região da cracolândia, que considera diferentes fontes, é intitulada da seguinte forma “Viciado deixa rodoviária e migra para o Minhocão” (08/10/10). O termo viciado tem uma conotação bastante estigmatizante, não dando margens para se considerar qualquer hipótese de usos mais controlados da droga. Outra matéria comenta

os resultados de uma grande pesquisa acadêmica realizada pelo sociólogo Luis Flávio Saporì, da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Belo Horizonte, sobre o ingresso desta droga na capital mineira. A pesquisa de Saporì defende que o crack gera um aumento da violência e dos homicídios entre aqueles que estão envolvidos com o seu uso e seu tráfico. A chamada da matéria do Agora é: “Chegada do Crack eleva mortes nas cidades” (27/08/2010). Como podemos notar, o título generaliza as conclusões do estudo, que apesar de extenso, se limita à Belo Horizonte, e além disso, faz uma associação imediata entre o crack e o número de qualquer tipo de morte, quando na verdade não é possível inferir essa conclusão apenas a partir dos resultados da pesquisa comentada.

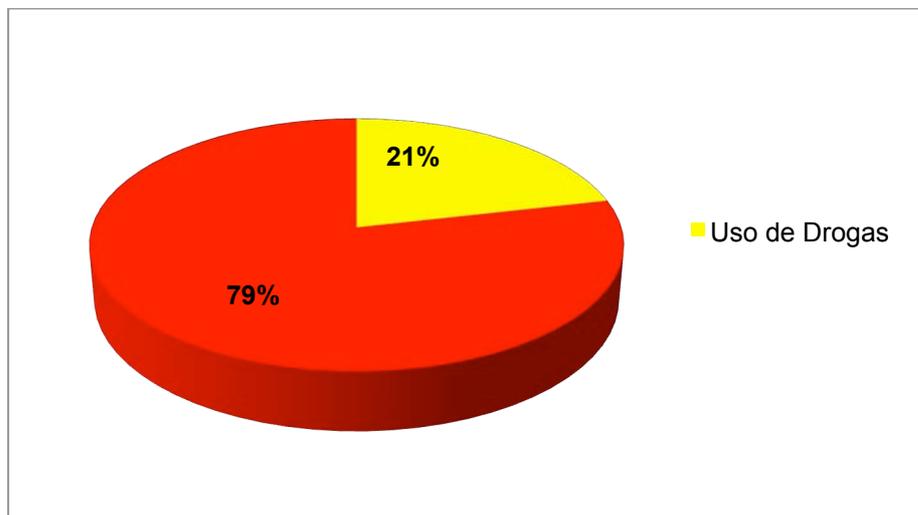
Ainda sobre o crack, vale notar que ele é a única droga ilícita mencionada no Editorial do Agora São Paulo durante o período todo do nosso levantamento de dados. Esse editorial leva o título de “Crack Assassino” (28/08/2010). O texto, justamente, comenta a pesquisa citada acima, abordando, no entanto, não apenas o uso do crack em Belo Horizonte, mas, também, em São Paulo. O editorial cobra ações mais efetivas do poder público para lidar com a situação de uso do crack em áreas centrais da cidade de São Paulo, apoiando uma “ofensiva contra o acúmulo de viciados”, os quais, segundo o texto, configurariam “um espetáculo deplorável, que lembra o videoclipe “Thriller”, de Michael Jackson”. Como se nota, portanto, o texto se refere aos usuários de crack de um modo bastante pejorativo. Além disso, como já indica o seu título, ele parece se pautar na ideia de que a droga em si (o crack, no caso) é responsável por matar. Novamente, o tom é bastante alarmista.

Um aspecto que chama a atenção, nesses dados de agosto a outubro de 2010, é que embora as drogas ilícitas sejam as mais citadas na seção Polícia, uma droga lícita como o álcool é também bem citada aí. De fato, a maioria das referências ao álcool está nessa seção. Além disso, as notícias sobre álcool presentes na seção Polícia seguem o formato de outras aí dispostas. São breves reportagens, em geral não assinadas, que privilegiam os relatos e fontes policiais. A exceção é uma matéria sobre o centro de São Paulo e os usuários de crack (comentada acima), que também menciona o uso do álcool, que se fundamenta em fontes mais variadas e é assinada.

Já o cigarro recebe, no Agora, outra abordagem. Nenhuma matéria sobre cigarro está na seção Polícia. São 6 textos abordando o cigarro. Todos eles são reportagens mais amplas, que se baseiam em fontes diferentes, inclusive em alguns casos citando-se dados de pesquisas acadêmicas. Mesmo quando as notícias sobre o cigarro aparecem numa seção cujo objetivo é destacar notícias breves, como a Torpedos, trata-se de textos bem embasados, que citam dados de pesquisas e têm como fontes estudiosos e profissionais de diferentes áreas. Normalmente estas matérias relatam ou comentam dados de estudos que tecem comparações sobre os efeitos do cigarro, discorrendo sobre questões de saúde. As chamadas de algumas dessas matérias já indicam o privilégio desse tipo de abordagem: “Fumantes com câncer não largam o vício” (27/08/10); “Mulheres começam a fumar mais cedo e param antes” (31/08/10). Os textos sobre o cigarro que estão na seção São Paulo Agora abordam a questão dos direitos dos usuários desta droga. Um deles discorre sobre o pouco número de planos públicos, em São Paulo, para tratar a dependência do uso do cigarro (“Faltam Opções para Deixar o Cigarro na Cidade”, 29/08/10). O outro texto comenta as propostas de operadoras de seguro de trabalharem com planos de saúde diferenciados para fumantes e não fumantes, oferecendo descontos a esses últimos. Trata-se, nesse caso, de uma matéria que alerta para a discriminação dos usuários do cigarro (“Quem não Fuma poderá ter plano mais barato”, 31/08/10). Há ainda um texto sobre o cigarro no Editorial. O cigarro é, aliás, no período todo da minha coleta de dados no Agora, a única droga lícita citada no Editorial desse jornal. O texto, que leva o nome de “Cigarros apagados” (01/09/10), defende a continuidade das políticas públicas de restrição ao uso dessa droga, comentando os dados de uma pesquisa que indicam a queda do número de fumantes no Brasil. Assim, ao menos durante o período desta minha pesquisa, notei que o Agora São Paulo trata as questões relacionadas ao uso do cigarro como um problema de saúde pública, fornecendo um destaque para essa discussão, através de matérias mais amplas.

Voltando a atenção apenas para o mês de outubro, observei como se distribuíram as notícias sobre drogas, no Agora São Paulo, com relação aos eixos temáticos considerados nesta pesquisa. O gráfico a seguir indica essa distribuição.

**GRÁFICO 15:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR EIXO TEMÁTICO**  
(Agora São Paulo – Outubro de 2010)



Base: 28 eixos temáticos.

O que salta aos olhos, num primeiro momento, é que, durante esse período, se constatam apenas notícias sobre tráfico e uso de drogas. Além disso, o número de notícias sobre tráfico se revelou extremamente grande e bem superior ao de uso de drogas. De um total de 31 notícias, registrei 6 de uso e 22 de tráfico. Importante dizer que registrei, ainda, 3 notícias que não consegui classificar em nenhum dos eixos temáticos. Trata-se de notícias que continham um alto grau de imprecisão. Todas elas relatavam apreensões de drogas, mas estavam no formato de pequenas notas, e careciam de informações sobre a quantidade apreendida, o contexto da apreensão e, também, não informavam a classificação policial do evento. Estas notícias foram as seguintes: “Menor detido com drogas” (19/10/10); “Suspeito foge após bater carro” (19/10/10); “Polícia prende 61 suspeitos em Campinas” (28/10/10).

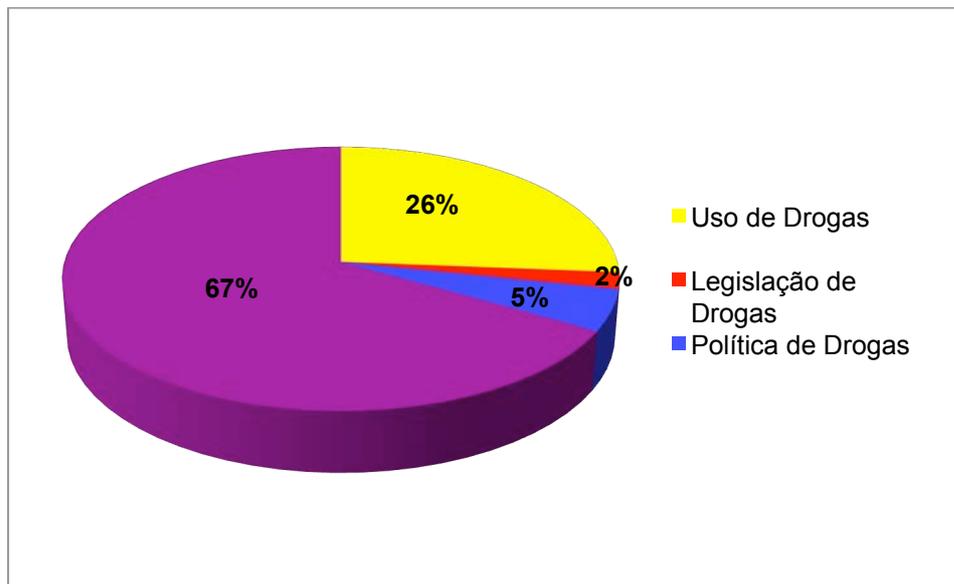
No conjunto de textos sobre tráfico de drogas, do mês de outubro de 2010, foram citadas as seguintes substâncias: cocaína, maconha e crack. A droga mais citada foi a cocaína, com 7 textos; depois a maconha, em 6 textos, e o crack, que apareceu em uma notícia. Quase todos os textos sobre tráfico de drogas desse período estão na seção Polícia. As exceções são 4 notícias que se distribuem do seguinte modo: 2 na seção Torpedos, 2 no Brasil Agora, 1 na seção Eleições. Mais da metade das notícias sobre tráfico de drogas no

mês de outubro de 2010 tem o formato de pequenas notas. A maior parte das notícias deste eixo temático expressa as ações policiais, e mais uma vez as próprias chamadas dos textos já indicam isso. Este formato policial das matérias parece, na verdade, mais pronunciado ainda quando o assunto é tráfico de drogas.

As notícias sobre uso de drogas, durante o mês de outubro, no Agora São Paulo, mencionam as seguintes substâncias: álcool, cigarro, cocaína, crack e maconha. O álcool e a maconha são as drogas mais citadas, cada um em dois textos. As outras drogas são mencionadas apenas uma vez. Metade dos textos sobre uso está na seção Torpedos; 2 na seção Polícia; 1 na seção Zapping. Portanto, ao menos nesse período, as notícias sobre uso de drogas parecem menos vinculadas a um contexto policial do que as de tráfico, já que o maior número de textos sobre uso está na seção Torpedos, e não na seção Polícia. A seção Torpedos, embora condense também notícias que falam sobre violência urbana e que privilegiam relatos policiais, tem um perfil um pouco mais leve do que a seção Polícia, agrupando textos bem curtos (como indica o nome da seção) sobre curiosidades de vários lugares do mundo, fatos inusitados, não necessariamente ligados a um contexto de problemas sociais. A seção Zapping, que, no mês de outubro, contém um texto sobre uso de drogas, fica na primeira página do jornal Agora, no verso da capa, e tem um formato de notícias breves, muitas delas relacionadas a pessoas ligadas ao mundo artístico e midiático. A notícia sobre uso de drogas que está nessa seção tem esse perfil, e é sobre a detenção do ator Dado Dolabella por porte da maconha. A notícia se intitula “Dado é detido no Rio: ator diz que maconha era pra consumo próprio” (01/10/10).

Assim, se por um lado as notícias sobre uso de drogas desse período parecem estar menos vinculadas a um teor policial por aparecerem, também, em seções mais leves como a Torpedos e a Zapping, por outro lado, estas notícias não possuem muita densidade. Mesmo assim, quando comparadas às notícias sobre tráfico de drogas desse período, as notícias sobre uso contam com um maior número de referências a fontes diversas, sendo mais detalhadas. O gráfico abaixo mostra a proporção de notícias sobre tráfico, uso, política e legislação de drogas no Agora São Paulo, no período de agosto a outubro de 2010, lembrando que estou considerando a nova amostra.

**GRÁFICO 16:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS POR EIXO TEMÁTICO**  
(Agora São Paulo – 18 de agosto a 31 de Outubro de 2010 – nova amostra)



Base: 99 eixos temáticos.

Como se pode notar, de fato, em todo o período da minha coleta de dados, no Agora São Paulo, o número de notícias sobre tráfico de drogas é bastante superior ao dos outros eixos. Na verdade, os temas que se destacam são tráfico e uso apenas. Registrei poucas notícias sobre política e legislação de drogas. Estes temas não se mostraram importantes no conjunto da pauta do jornal Agora durante o período da pesquisa. O eixo de legislação de drogas é o que contém o menor número de notícias. As drogas mencionadas nas notícias sobre política e legislação de drogas, no decorrer de agosto a outubro de 2010, no Agora São Paulo, foram apenas o cigarro e crack. O cigarro aparece em dois textos. Um está na seção São Paulo Agora, que é dedicada a questões sobre a cidade paulistana, desde problemas urbanos até notícias que contém informações de utilidade pública, sobre serviços oferecidos aos habitantes de São Paulo. De fato, essa seção não se caracteriza por condensar as notícias de conteúdo mais violento do Agora. Esse texto sobre o cigarro já foi citado aqui. Trata-se de uma ampla reportagem discorrendo sobre a falta de opções, na cidade de São Paulo, de serviços públicos voltados para o tratamento da dependência do uso do cigarro. A matéria defende a necessidade do governo do estado de São Paulo desenvolver políticas de saúde pública voltadas para a prevenção ao uso do cigarro ou de seu uso indevido. O outro texto sobre o

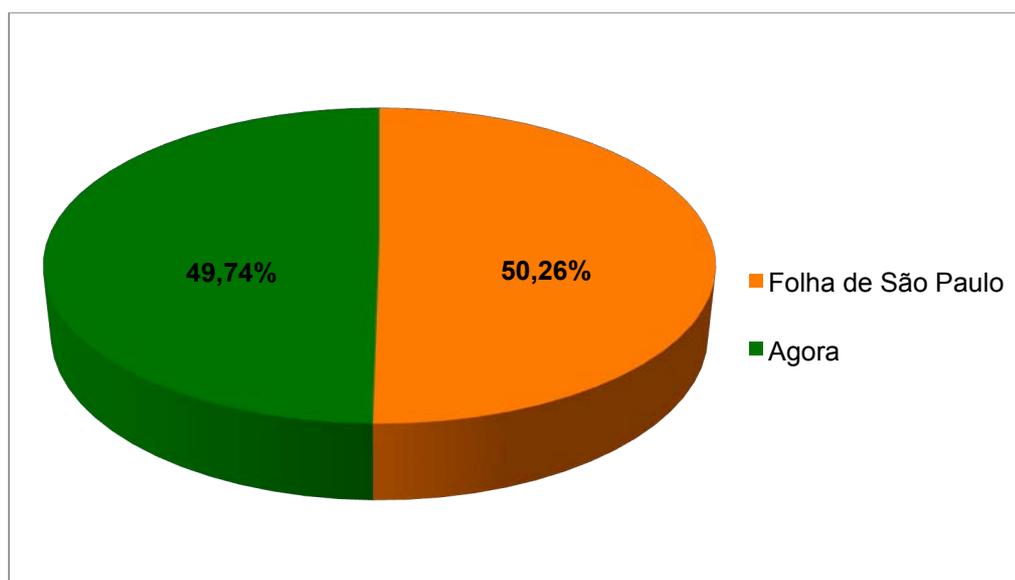
cigarro está no editorial, e também já foi comentado aqui. Trata-se de um texto de apoio às medidas do governo do estado de São Paulo de restringir o uso do cigarro em lugares públicos.

O crack aparece em um texto que aborda o tema das políticas de drogas. Trata-se de um texto que está na seção Eleições, que, como indica o nome, é esporádica, ocorrendo nesse jornal apenas no período dos pleitos para cargos públicos. A notícia é sobre um dos candidatos ao senado pelo estado de São Paulo, o qual propunha a criação de leis para o tratamento gratuito para a dependência do uso crack. O candidato em questão era Netinho de Paula, filiado, na época, ao PC do B (matéria “Netinho quer tratamento para crack e escola técnica”, 29/09/10). Outra notícia sobre política de drogas que está na seção Eleições também aborda a proposta da instalação de tratamentos públicos para dependentes de drogas. A proposta era de outro candidato ao senado pelo estado de São Paulo nas eleições de 2010, e falava na necessidade de alteração de regras dos órgãos públicos para a criação desses novos tratamentos para a dependência. Não se mencionava nenhuma droga em especial. O candidato ao senado que, depois, veio a ganhar as eleições, era Aloysio Nunes, na época do PSDB (matéria “Aloysio diz que lutará por atendimento para viciados”, 29/09/10). Registramos, ainda, uma notícia sobre políticas para tráfico de drogas (matéria “Senado amplia pena para condicional”, 02/09/10). Tratava-se de uma nota breve, na seção Polícia, sobre uma proposta de lei aprovada pelo Senado, em setembro de 2010, que ampliava o tempo mínimo de permanência para condenados por crimes hediondos (entre os quais o tráfico é considerado). A notícia era bem pequena e carecia de maiores informações, e inclusive não fazia nenhuma referência a como a questão do tempo da pena para tráfico é tratada pela atual lei brasileira de drogas. Também incluí essa notícia no eixo de legislação de drogas. O outro texto sobre legislação de drogas foi o editorial sobre o cigarro, já citado.

### Cap. 03: As Abordagens da Folha de São Paulo e do Agora São Paulo: algumas analogias

A Folha de São Paulo e o Agora São Paulo possuem várias diferenças. Assim, por exemplo, já num primeiro momento, observei que a Folha de São Paulo é um jornal que possui um número maior de páginas do que o Agora São Paulo e suas seções se caracterizam por serem, também, mais densas e maiores do que as seções do Agora. Entretanto, a despeito destas distinções de formato e das diferenças relativas ao perfil do público leitor de cada jornal, a proporção de notícias sobre drogas, nos dos veículos, no período de agosto a outubro de 2010, considerando a nova amostra, é equivalente. O gráfico abaixo indica essa proporção.

**GRÁFICO 17:**  
**DISTRIBUIÇÃO DE NOTÍCIAS: FOLHA e AGORA**  
(Agosto a Outubro de 2010 – nova amostra)



Base: 191 notícias.

O número de referências diretas a drogas no período de agosto a outubro de 2010, também na nova amostra, é igual nos dois jornais. Em ambos ocorrem 89 citações de drogas nos textos considerados para a nossa coleta de dados. Contudo, apesar desses pontos em comum, constatei distinções entre a Folha de São Paulo e o Agora São Paulo no que diz respeito à abordagem sobre as drogas. É possível perceber algumas destas distinções ao atentarmos para o modo como as notícias sobre drogas são apresentadas em cada um dos veículos. Assim, verifiquei que no Agora eram mais frequentes notícias que

mencionavam simultaneamente diferentes drogas. Muitas destas notícias relatavam apreensões feitas por policiais. Foi comum, também, encontrar, entre esses textos, vários que noticiavam apreensões de drogas ao lado da apreensão de outros tipos de materiais (como armas ou DVDs piratas). Esse tipo de formato de notícia indica que o veículo não tem uma tendência de aprofundar discussões mais específicas sobre as drogas ou sobre uma droga em particular. É verdade que isso se mostrou mais evidente no que tange à abordagem de drogas ilícitas. Como foi salientado em itens anteriores, os textos do Agora São Paulo sobre algumas drogas lícitas, como o cigarro, por exemplo, possuíam, normalmente, mais informações, e recebiam um enfoque mais aprofundado do que as notícias sobre drogas ilícitas. Enquanto diferentes drogas ilícitas frequentemente eram mencionadas ao mesmo tempo num pequeno e breve texto com poucas informações e reflexões, drogas lícitas como o cigarro mais frequentemente ganharam matérias específicas e reflexivas nas páginas do Agora São Paulo.

Nesse sentido há uma semelhança com a Folha de São Paulo. Como vimos, também na Folha, se evidenciaram várias diferenças entre as matérias sobre drogas lícitas e ilícitas. Mesmo assim, as matérias do Agora fornecem, ainda, em comparação com a Folha, um tratamento mais superficial às drogas ilícitas, o que pode ser notado através da presença maior, no primeiro jornal, de textos pequenos, breves, pouco densos e que apresentam comumente uma mistura de informações sobre diversas drogas e outros assuntos.

No período de agosto a setembro de 2010, tanto na primeira amostra (que levava em consideração uma categoria mais ampla de medicamentos) quanto na nova amostra, as drogas ilícitas, embora tratadas superficialmente, foram as mais citadas no Agora São Paulo; enquanto as drogas lícitas foram as mais mencionadas na Folha de São Paulo. Assim, tanto na primeira quanto na segunda amostra, no Agora, as drogas ilícitas cocaína, maconha e crack mantiveram as mesmas três primeiras posições entre as mais citadas nas matérias. Já na Folha o álcool e o cigarro estão nas primeiras posições nas duas amostras do período; na primeira eles estão em segundo e terceiro lugares (depois dos medicamentos, drogas igualmente lícitas), e na segunda eles estão em primeiro e segundo lugares. Assim, no período de agosto a

setembro de 2010, o Agora São Paulo noticiou um maior número de fatos sobre as drogas ilícitas, porém essa expressividade numérica não correspondeu a uma abordagem mais profunda acerca do tema. As drogas ilícitas foram mencionadas, nesses meses, com alta frequência no jornal Agora, mas receberam um enfoque superficial, não específico, pouco informativo e muitas vezes confuso.

Esse destaque quantitativo maior das drogas ilícitas no Agora São Paulo, em relação à Folha de São Paulo, se manteve no período todo da minha análise, de agosto a outubro de 2010 (considerando a nova amostra). Nesse período, como foi possível perceber nos capítulos anteriores, as drogas ilícitas foram mais mencionadas no Agora do que na Folha. É verdade que a maconha ocupa a primeira posição das drogas mais citadas na Folha de São Paulo, mas ela é seguida por duas drogas lícitas, o álcool e o cigarro. Por outro lado, no Agora São Paulo, as três primeiras posições, no período de agosto a outubro de 2010, seguem sendo ocupadas por drogas ilícitas: cocaína, maconha e crack. É interessante observar como algumas drogas ilícitas pouco citadas na Folha ganham um grande destaque no Agora. É o caso da cocaína, que é a droga mais mencionada no Agora São Paulo no período todo da pesquisa, e que se encontra apenas em quinto lugar de citações na Folha de São Paulo.

A maconha, que é uma droga ilícita que está igualmente entre as mais citadas tanto nos textos da Folha quanto nos do Agora, recebe, no entanto, uma abordagem distinta nos dois veículos. Na Folha de São Paulo, há uma tendência de se focar uma discussão mais aprofundada sobre essa droga. Conforme mostrei anteriormente, ela é a droga que mais aparece em diferentes cadernos da Folha (em sete dos nove que contem citações de drogas), o que já aponta para uma maior complexidade da sua abordagem nesse jornal. O fato de a maconha ser mencionada em cadernos de teor distinto mostra que ela é abordada a partir da consideração de diferentes aspectos. Como vimos, também, boa parte das notícias sobre a maconha da Folha de São Paulo estão em textos que incluem uma maior diversidade de fontes, dados e argumentos. Outro ponto relevante é que, na Folha, a maconha aparece bastante nos eixos temáticos de política e legislação de drogas. De fato, ela é a única droga ilícita que aparece nesse eixo temático. Na verdade, verifiquei que a Folha de São

Paulo tem privilegiado a reflexão das políticas e leis sobre a maconha, apresentando um número grande de matérias densas sobre esse tema. Importante ressaltar, ainda, que a maior parte das notícias sobre a maconha, na Folha, no período de agosto a outubro de 2010, se acha nos eixos temáticos de uso, política e legislação de drogas, enquanto o menor número de matérias sobre essa droga está no eixo tráfico. Este fato merece destaque, pois o tema do tráfico de drogas, normalmente, costuma estar mais relacionado a discussões sobre violência e segurança pública.

Já no jornal Agora São Paulo embora a maconha esteja entre as drogas mais citadas, não observei, como na Folha, a tendência de discussões mais profundas sobre essa droga. A maior parte das referências à maconha aparece nas páginas da seção Polícia. Esta seção é caracterizada por textos que privilegiam descrições de relatos policiais, isto é, que noticiam as ações das diferentes polícias numa linguagem com características policiais. Os textos que estão nessa seção tendem a se basear, preferencialmente, também, em fontes policiais, sendo raros os que se fundamentam em outros tipos de fontes. Normalmente, trata-se de textos que não desenvolvem análises mais profundas e críticas, e sim reportagens que se limitam a relatar os fatos ou, mesmo, de pequenas notas informativas. Não constatei, também, no Agora, uma discussão de políticas e leis sobre a maconha. Sequer apareceram notícias sobre a maconha nesse eixo temático. Na verdade, a grande maioria das notícias sobre drogas, no Agora São Paulo, trata da questão do tráfico. Ainda sobre a maconha, vale notar que a maior parte dos textos que mencionam essa droga também está no eixo tráfico. Portanto, aqui ocorre o oposto do que se dá na Folha de São Paulo.

O crack é a terceira droga mais mencionada nos textos do Agora São Paulo, e a quarta nas matérias da Folha, no período todo da minha pesquisa. Ele foi, também, a segunda droga ilícita mais citada na Folha. É possível notar alguns pontos em comum na abordagem sobre o crack apresentada pelos dois jornais. Em primeiro lugar, há um destaque dado por estes veículos às notícias sobre o crack. Ele foi, aliás, a única droga ilícita tematizada em editoriais dos dois jornais. No Agora, inclusive, observei que as matérias sobre o crack em geral eram mais detalhadas e embasadas do que as sobre maconha e cocaína.

Em segundo lugar, identifiquei, tanto nos textos da Folha quanto nos do Agora, uma associação estreita entre o crack e contextos de violência, bem como uma tendência de se destacar uma visão estigmatizante daqueles que estão envolvidos com seu uso.

Vejamos, agora, como os dois jornais abordam as drogas lícitas. Na Folha de São Paulo o álcool recebeu um destaque bem maior do que no Agora São Paulo. Na *Folha* ele foi a segunda droga mais citada no período de agosto a outubro de 2010, enquanto no Agora ele ficou apenas na quinta posição de referências. A maior parte das notícias sobre álcool, da Folha, trata da questão do uso. Também no Agora, a maioria das notícias sobre álcool está no eixo uso de drogas. Na Folha de São Paulo, o caderno que contém mais notícias sobre álcool é o Cotidiano. No Agora São Paulo, é o Polícia. Comentei já que o Cotidiano e a seção Polícia têm aspectos similares, como, por exemplo, uma concentração de notícias sobre violência urbana. Entretanto, eles também se distinguem em uma série de pontos. Os textos do caderno Cotidiano, como, aliás, os textos em geral da Folha, tendem a ser mais densos do que os textos da seção Polícia, do Agora. Além disso, a relação com o tema da violência é mais imediata na seção Polícia do que no caderno Cotidiano. Assim, as matérias do Agora São Paulo sobre álcool privilegiam relatos e fontes policiais. Já as da Folha se fundamentam em fontes mais variadas. Um grande número das matérias sobre álcool da seção Cotidiano, inclusive, utiliza como fontes estudos científicos e recorre a especialistas de diferentes áreas. Do conjunto geral de textos sobre o álcool da Folha há uma boa parte, também, que trata dos diferentes efeitos do uso do álcool, e inclusive alguns comentam sobre seus efeitos benéficos para a saúde.

Contudo, apesar das matérias sobre o álcool da Folha serem mais detalhadas e embasadas do que as matérias do Agora, nos dois jornais o uso do álcool é bastante relacionado à violência. No Agora, o próprio formato dos textos já aponta para essa relação. Na Folha, a maior parte das notícias sobre o álcool aborda, também, questões relacionadas à violência geradas por seu uso. Muitos desses textos tratam de violência doméstica, contra crianças e de acidentes no trânsito provocados pelo uso do álcool.

Com relação ao cigarro, ele é a terceira droga mais citada no material da Folha de São Paulo coletado em meu levantamento de dados. O maior número de notícias sobre o cigarro se encontra no caderno Saúde, mas há um número quase equivalente no caderno Cotidiano. As notícias da Folha sobre cigarro são todas bem fundamentadas, e utilizam fontes como estudos de cientistas, profissionais e especialistas de diversas áreas. O maior número de textos sobre cigarro, da Folha de São Paulo, se encaixa no eixo uso de drogas, mas há um número significativo também que aborda questões de política e lei de drogas. Dentre essas matérias, há várias que discorrem sobre a necessidade de um número maior de políticas públicas e leis que visem limitar a propaganda e a venda do cigarro. Como comentei no capítulo anterior, o Agora São Paulo também apresenta textos sobre o cigarro mais densos, baseados em diversas fontes. Portanto, as matérias sobre o cigarro dos dois jornais tendem a relacioná-lo a discussões mais amplas, como as de saúde pública.

As drogas que classifiquei aqui como medicamentos, como foi esclarecido, passaram por algumas redefinições. Num primeiro momento, quando trabalhei com uma categoria mais ampla, coletei notícias que abordavam diferentes aspectos relacionados a essas drogas. Assim, durante essa fase da pesquisa, registrei, na Folha de São Paulo, uma alta frequência de notícias sobre medicamentos, os quais foram, então, as drogas mais citadas. A coleta de dados desta fase foi importante para captar o modo como esse tipo de substância tem sido abordado em alguns veículos de comunicação brasileiros. Foi possível notar que, ao menos no período inicial do meu levantamento, as discussões sobre os medicamentos ganharam destaque na Folha. Conforme expliquei, num segundo momento da pesquisa, passei a trabalhar com uma categoria bem mais restrita de medicamentos, limitando a coleta às notícias que tocavam em questões de alteração da percepção e suas consequências. Com esse novo recorte, os dados que coletei sobre os medicamentos passaram a se assemelhar aos resultados de outras pesquisas sobre o tema. Deste modo, nas novas amostras, tanto na Folha de São Paulo quanto no Agora São Paulo, os medicamentos passaram a estar entre as drogas menos citadas nas matérias, tendo um número menor de menções do que substâncias que ainda possuem um uso relativamente restrito na população brasileira,

como a cocaína por exemplo. A pesquisa *Mídia e Drogas* (ANDI e BRASIL, 2004), com a qual estabeleci várias comparações, chegou à mesma conclusão em seu levantamento.

No decorrer de minha pesquisa, o eixo temático mais destacado, na Folha de São Paulo, foi o de uso de drogas. O tema do tráfico veio logo depois. No Agora São Paulo essas posições se inverteram, com o tráfico em primeiro lugar, e o uso em segundo. Contudo, a diferença do número de notícias de tráfico em relação ao uso, no Agora, era muito grande, enquanto que na Folha ela foi bem menor. Na verdade, lembrando que o número de notícias sobre drogas, no período todo da pesquisa, nos dois jornais, é praticamente o mesmo, verifiquei que há um número consideravelmente maior de textos sobre tráfico no Agora do que na Folha.

As notícias sobre política e legislação de drogas, tanto na Folha quanto no Agora, são em menor número do que as de uso e tráfico. No jornal Agora elas tem menor destaque do que na Folha, e sequer foram registradas no mês de outubro. Na Folha de São Paulo, verifiquei que a maconha aparece bastante destacada nos eixos temáticos de política e legislação de drogas, enquanto no Agora esta relação não ocorre.

Constatei, também, no período do meu levantamento de dados, que a atual lei brasileira de drogas não recebe destaque nos veículos pesquisados. No Agora São Paulo, ela não é mencionada em nenhuma matéria, na Folha ela é citada em apenas 4 matérias.

O álcool foi a substância mais citada no eixo uso de drogas na Folha de São Paulo. No Agora São Paulo, o cigarro e o crack foram as mais mencionadas nesse eixo. Na discussão sobre tráfico de drogas, no Agora, a cocaína foi a droga mais destacada, na Folha, o crack e a maconha foram as que apareceram com mais frequência nos textos sobre esse tema. A maconha foi a droga mais relacionada às discussões sobre política e legislação de drogas na Folha de São Paulo, enquanto que no Agora São Paulo, as drogas mencionadas nesse eixo temático foram apenas o cigarro e o crack.

Com relação ao formato das matérias da Folha de São Paulo e do Agora São Paulo, notei que os textos do Agora se caracterizam, mais do que os da Folha, por um estilo de relatos policiais. O recurso a fontes exclusivamente

policiais foi detectado nas matérias de ambos os jornais, mas observado com mais frequência nas notícias do Agora.

Ressaltei antes que apesar de constatar várias diferenças entre a abordagem da Folha de São Paulo e do Agora São Paulo em relação ao tema das drogas, verifiquei, ao longo da pesquisa, uma tendência, nos dois veículos, de fornecer um tratamento distinto às drogas lícitas e ilícitas. Assim, enquanto, por exemplo, na Folha, as primeiras foram comentadas majoritariamente em cadernos como o Saúde, e as segundas ocuparam principalmente o caderno Cotidiano, mais ligado a temas de violência urbana ou problemas sociais. No Agora São Paulo, as drogas ilícitas receberam um destaque quantitativo que não correspondeu a uma abordagem mais profunda. Ao contrário, essas drogas foram mencionadas, sobretudo, em seções como a Polícia, diretamente relacionada a questões de violência e criminalidade, abarcando principalmente textos que privilegiam fontes e descrições policiais. Entretanto, algumas drogas ilícitas vêm ganhando uma abordagem mais aprofundada. Este pareceu ser o caso da maconha na Folha de São Paulo. Por outro lado, boa parte dos textos da Folha e do Agora que tratavam da cocaína e do crack tenderam a enfatizar uma visão pejorativa e carregada de estigmas dos usuários destas drogas. No Agora foi possível observar a mesma abordagem também nas matérias sobre maconha.

## Conclusão

A complexidade do tema das drogas já é indicada pela polêmica acerca dos diferentes termos para se referir a essas substâncias. Certos termos que aparecem ainda com frequência na mídia brasileira apontam para a imprecisão da abordagem fornecida a essas substâncias. Drogas com características e efeitos diversos são denominadas, igualmente, por expressões como narcóticos, entorpecentes ou tóxicos, apenas em função de todas elas serem classificadas como ilícitas.

O próprio termo droga tem, hoje, um caráter bastante pejorativo, embora a história desta noção destaque todo um conjunto de significados mais complexos. Etimologicamente, “*drog*”, no holandês, significa seco ou secos e molhados, apontando para uma relação com as especiarias como a pimenta do reino, o cravo, a noz moscada, entre outras (Carneiro, 2002). A denominação droga aponta, também, para os aspectos terapêuticos e medicinais destas substâncias, sendo identificada à noção de remédio. Aqui, podemos notar o caráter ambíguo desta noção de “remédio”. Assim, por exemplo, no mundo grego, o fármaco (*pharmacon*) podia significar tanto remédio quanto veneno, dependendo da dosagem ou da forma de uso (Carneiro, 2002 e 2005).

Uma expressão bastante usada por estudiosos desse tema que pretendem romper com visões estereotipadas sobre tais substâncias é psicoativos. A preferência por esse termo se dá, muitas vezes, por seu caráter mais geral e menos vinculado a juízos valorativos (tais como os termos tóxicos ou mesmo drogas estão ligados). Psicoativos é uma denominação que pode ser traduzida “como aquilo que é atraído pela psique” (Goulart, 2004). A expressão engloba as substâncias que, de um modo geral, agem sobre a mente e a psique do sujeito, provocando neles uma alteração (Seibel e Toscano, 2001). As substâncias psicoativas estão sujeitas a diversos tipos de classificações, as quais têm mudado significativamente ao longo da história e do desenvolvimento da ciência ocidental. No começo do século XX, por exemplo, o farmacólogo Ludwig Lewin as dividiu em cinco categorias diferentes: *excitantia*, *hypnotica*, *phantastica*, *euphorica* e *inebriantia*. Já nos anos cinquenta, J. Delay e outros cientistas propuseram uma nova classificação para esse tipo de substância, agora baseada numa divisão em três grupos: psicoanalépticos, que são os excitantes; os psicolépticos, que são

os sedativos; e os psicodislépticos, que se referem aos alucinógenos (Carneiro, 2002; Labate e Goulart, 2005; Goulart, 2004).

De todo modo, independente do termo escolhido, um fato destacado por diversos autores, é que as várias sociedades, nos diferentes lugares e épocas, sempre envolveram o uso de algumas drogas. Ao mesmo tempo, muitos estudiosos concordam que a criação de um sistema jurídico que penaliza e criminaliza todo um conjunto de substâncias psicoativas, conduzindo o seu uso e comércio à ilegalidade é um fato relativamente recente na história da humanidade.

Assim, Antonio Escohotado (1994) mostra como, nos Estados Unidos, até o início do século vinte, havia uma facilidade no acesso a várias drogas hoje proibidas e criminalizadas. Estas drogas podiam, então, serem encontradas em farmácias, ou mesmo enviadas pelo correio. Do mesmo modo, as propagandas sobre essas substâncias eram feitas similarmente as de outros produtos. Essa situação, contudo, começa a se modificar principalmente em função de uma mentalidade puritana, aliada a certos interesses econômicos. Desta forma, a partir do início do século vinte, o governo norte-americano vai estimular todo um movimento de proibição de certas drogas, que levará, aos poucos, ao estabelecimento de tratados internacionais antidrogas. Esse regime que proíbe o uso de drogas terá como base a condenação dos usos lúdicos, hedonistas ou mesmo religiosos dessas substâncias, apoiando-se na ideia de que apenas as drogas que tivessem uma utilidade médica poderiam ter seu consumo permitido. Assim, inaugurava-se todo um mercado ilícito de drogas, desenhando-se os primeiros passos da economia do narcotráfico e de suas sequelas.

Atualmente, vários dados e levantamentos estatísticos sobre o consumo e tráfico de drogas ilícitas em diferentes lugares do mundo apontam para a ineficácia de uma política de “guerra às drogas”. Os governos dos EUA, por exemplo, têm, sistematicamente, aumentado os valores investidos na repressão ao consumo e tráfico de drogas e, contudo, esse tipo de investimento não tem conduzido, segundo diversas pesquisas, à diminuição da produção ou do uso destas substâncias. Ao mesmo tempo, os dados indicam o aumento da violência, dos problemas de saúde pública e de violação dos

direitos humanos como consequências importantes da política da “guerra às drogas”.

Diante deste cenário, vários setores da sociedade civil, em diferentes regiões do mundo, estão se organizando e apresentando todo um conjunto de novas demandas relativas à questão das drogas. Da sociedade civil, emergem cada vez mais, novas ações e propostas para lidar com as drogas na sociedade contemporânea. Em todos esses casos, o modelo da pura repressão é questionado como única alternativa ao tratamento a essa questão.

No Brasil, nas últimas décadas, tem crescido também os movimentos de diferentes grupos da sociedade civil que se alinham a um questionamento da política de “guerra às drogas”. Assim, setores da área de saúde pública, grupos de prevenção e de redução de danos ligados ao abuso ou uso indevido de drogas, representantes da área jurídica envolvidos com questões de direitos humanos, pesquisadores científicos, organizações ligadas aos direitos de populações carentes, entre outros, estão desenvolvendo novas propostas e intervenções para a abordagem da questão das drogas na sociedade atual.

Como a mídia brasileira tem retratado esse fenômeno da “questão das drogas”? Será que os conteúdos e mensagens divulgados pelos nossos veículos de comunicação, assim como as abordagens enfatizadas por eles, tendem a considerar e colocar a complexidade desse fenômeno, deixando transparecer suas muitas e diferentes facetas? A mídia é, indubitavelmente, um importante e crucial agente na construção do debate público sobre as drogas. No mundo atual, não é possível desconsiderar sua força. Na pesquisa que comento aqui procurei refletir sobre os modos pelos quais alguns veículos de comunicação brasileiros vêm participando da construção desse debate. Espero ter contribuído para alguns aspectos desta reflexão.

## Referências

ANDI e BRASIL. “Mídia e Drogas: o Perfil do Uso e do Usuário na Imprensa Brasileira”. MINISTÉRIO DA SAÚDE, Brasília 2004.

ANGELO, Claudio e MENA, Fernanda. “Garota, eu vou pra Califórnia: legalização da maconha avança no exterior e debate esquentado no Brasil”, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10/10/10. Caderno Ilustrada.

“Aos 40, Rota homenageia cervejarias e policiais”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 16/10/10. Caderno Cotidiano.

BENITES, Afonso. “Portugal prende brasileiros com 1,7 tonelada de cocaína”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 12/10/10. Caderno Cotidiano.

BOITEUX, Luciana. “A Nova Lei Antidrogas e o aumento da pena do delito de tráfico de entorpecentes”, in: **Boletim do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais** (IBCCRIM), ano 14, n. 167, outubro/2006.

CARAMANTE, André e BENITES, Afonso. “Acusado de tráfico em Portugal atuou no Denarc”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 14/10/10. Cotidiano.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Movimentos e discursos contra as drogas nas sociedades ocidentais contemporâneas. **Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria**, n.17, v.3, pp.93-101, 1995.

CARLINI, E. et al. **1º Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil - Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**. São Paulo, CEBRID, UNIFESP, 2001.

CARLINI, E. et al. **2º Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil - Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**. São Paulo, CEBRID, UNIFESP, 2005.

CARNEIRO, Henrique. **Amores e Sonhos da Flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia**. São Paulo, Xamã, 2002.

“Cérebro do homem é mais vulnerável ao vício do alcoolismo”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 20/10/10. Caderno Saúde.

“Cigarros apagados”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 01/09/10. Editorial.

“Cinco presos por tráfico de cocaína”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 21/08/10. Seção Polícia.

“Crack Assassino”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 28/08/2010. Editorial.

“2 Detidos por tráfico de drogas”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 08/09/10. Seção Polícia.

“Detido com maconha em cafezal”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 16/09/10. Seção Polícia.

“Dado é detido no Rio: ator diz que maconha era pra consumo próprio”, **Agora São Paulo**. São Paulo. 01/10/10. Seção Zapping.

“Dolabella vai depor em dezembro sobre droga no automóvel”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 05/10/10. Caderno Cotidiano.

“Drogas”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 02/09/10. Seção Polícia.

ESCOHOTADO, ANTONIO. **Las drogas: de los orígenes a la prohibición**. Madrid, Alianza Editorial, 1994.

ESCOHOTADO, Antonio. **O Livro das Drogas**. São Paulo, Ed Dynamis, 1997.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia de las Drogas**, vol. 1, 2 e 3. Madrid, Alinaza Editorial, 1998.

“Estrangeiras flagradas com drogas”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 19/10/10. Seção Polícia.

“Faltam Opções para Deixar o Cigarro na Cidade”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 29/08/10. Seção São Paulo Agora.

“Fumantes com câncer não largam o vício”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 27/08/10. Seção Torpedos.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Record, 1998 (2ª ed.).

GOULART, Sandra Lucia. *Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica: as religiões da Ayahuasca*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas, IFCH-UNICAMP, 2004.

IVC (Instituto Verificador de Circulação) “Fatos & números Brasil”, ed. 1, São Paulo, Abril, 2004.

“Juiz dá a palavra final se caso é de tráfico ou de uso”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 02/10/10. Caderno Cotidiano.

LABATE, Beatriz et al. (ORGS.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

LABATE, Beatriz Caiuby e GOULART, Sandra Lucia (ORGS.). **O Uso Ritual das Plantas de Poder**. Campinas, Ed. Mercado de Letras, 2005.

MANZINI, Gabriela. “Latinos atacam plebiscito sobre maconha”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 27/10/10. Caderno Mundo.

LEITE, Silvio C. e SANTOS, André Luiz dos. “Impunidade para traficantes”, **Folha e São Paulo**, São Paulo. 14/10/10. Caderno Tendências e Debates.

LOPES, Reinaldo José. “Punir usuário de maconha não ajuda”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 23/10/10. Caderno Ciência.

LUCHETE, Felipe. “Índios carajás de MT e do TO instituem “lei seca” nas aldeias””, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 30/10/10. Caderno Poder.

“Maconha é achada no interior”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 17/10/10. Seção Polícia.

“Mais segurança”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 01/10/10. Caderno Opinião.

“Menor detido com drogas”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 19/10/10. Seção Polícia.

“Menor levava cocaína em gesso em SP”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 12/10/10. Seção Polícia.

“Motorista paraguaio é detido com cocaína”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 17/10/10. Seção Polícia.

“Mulheres começam a fumar mais cedo e param antes”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 31/08/10. Seção Torpedos.

“Netinho quer tratamento para crack e escola técnica”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 29/09/10. Seção Eleições.

NOTO, Ana Regina et al.. “Drogas e Saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas”. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19 (1), jan-fev, pp. 69-79, 2003.

“Pedestres formam comboio para evitar usuários de crack”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 16/10/10. Caderno Cotidiano.

“PM apreende 2000 pedras de crack”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 30/09/10. Seção Polícia.

“PM prende mãe e filha por drogas”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 06/10/10. Seção Polícia.

POLICARPO, Frederico. **O Programa Justiça Terapêutica da Vara de execuções Penais do rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2007.

“Polícia acha 24kg de cocaína”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 21/08/10. Seção Polícia.

“Polícia detém 123 suspeitos no litoral”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 18/09/10. Seção Polícia.

“Polícia diz ter achado maconha em carro de Dado Dolabella”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 01/10/10. Caderno Cotidiano.

“Polícia encontra maconha em carro acidentado no PR”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 05/10/10. Caderno Cotidiano.

“Polícia prende 61 suspeitos em Campinas”, **Agora São Paulo**, São Paulo. (28/10/10). Seção Polícia.

“Presa com 500kg de maconha”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 11/09/10. Seção Polícia.

PRETO, Marcus. “MPB: Música Psicodélica Brasileira”, **Folha São Paulo**, São Paulo, 27/10/10. Caderno Ilustrada.

“Quem não Fuma poderá ter plano mais barato”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 31/08/10. Seção São Paulo Agora.

RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico: uma guerra na guerra**. São Paulo, Desatino, 2003.

RODRIGUES, Thiago. **Política e Drogas nas Américas**. São Paulo, Educ, 2004.

SEIBEL, Sérgio Dario e TOSCANO, Alfredo. “Conceitos básicos e classificação geral das substâncias psicoativas”, in: **Dependência de Drogas**. São Paulo, Atheneu, 2001.

“Suspeito foge após bater carro”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 19/10/10. Seção Polícia.

SZASZ, Thomas. **Nuestro derecho a las drogas**. Barcelona, Anagrama, 1993.

“Três presos por tráfico são soltos após 103 dias”, **Agora São Paulo**, São Paulo. 02/10/10. Seção Polícia.

VARELA, Drauzio. “Dependência de Nicotina”, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09/10/10. Caderno Ilustrada.

VINES, Juliana. “Fumar entre os 50 e 60 anos pode dobrar o risco de Alzheimer”, **Folha de São Paulo**, São Paulo. 27/10/10. Caderno Saúde.

